



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

O que é isto – o viver? A perspectiva de Epicuro de uma vida
prazerosa e feliz como enfrentamento dos temores humanos

Bolsista: Pedro Secundino de Souza Maciel, FAPEAM

MANAUS

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

O que é isto – o viver? A perspectiva de Epicuro de uma vida prazerosa e feliz como enfrentamento dos temores humanos

Bolsista: Pedro Secundino de Souza Maciel, FAPEAM

PIB-H/0018/2009

Orientadora: Prof^a Dr^a Valcicléia Pereira da Costa

MANAUS

2010

Resumo

A presente pesquisa destaca a perspectiva filosófica do viver em Epicuro, abordando a vida prazerosa e feliz como forma de enfrentamento das vicissitudes e temores humanos. A partir da análise do contexto histórico-político de Epicuro e de sua prática filosófica, buscou-se explicar como o pensador relacionava o filosofar com o prazer e a felicidade. O estudo e a análise da *Carta a Meneceu*, das máximas e dos aforismos legados pela tradição constituem a pedra de toque da compreensão do pensar epicurista. Pois, na filosofia epicurista encontra-se a referência aos principais anseios humanos, tais como: a busca pela “felicidade” (*eudaimonía*); a compreensão dos prazeres (*hedonai*); o combate ao “temor” (*phóbos*); a apreensão dos estados de “tranquilidade” (*ataraxía*) e de “falta de sofrimento” (*aponía*).

Palavras-chave: Epicuro, filosofar, eudaimonía, hedoné, ataraxía, aponía.

Résumé

Cette recherche a pour but montrer la perspective philosophique chez Épicure, en détachant la vie heureuse sous forme d'affrontement des vicissitudes et de craintes humains. À partir d'analyse de ce contexte historique-politique d'Épicure et de leur pratique philosophique, ainsi on a recherché l'expliquer comment le penseur relationnait l'acte de philosopher avec le plaisir et le bonheur. L'étude et analyse de la Lettre de Meneceu, des maximes et des aphorismes liées par la tradition qui constitue la pierre de touche de la compréhension de la pensée épicuriste. Chez la philosophie épicuriste on trouve la référence sur les principaux anxieux humains, tels comme: la recherche par le "bonheur" (eudaimonía); la compréhension des plaisirs (hedonáí); le combat à la "crainte" (phobus); au saisir des états de la "tranquillité" (atraxía) et de la "manque de la souffrance" (aponía).

Mots-clé: Épicure - philosophe - eudaimonie - hédon e - ataraxie.

Sumário

Resumo	03
Résumé	04
Introdução.....	06
Capítulo 1 - Epicuro e seu tempo: contexto histórico e político.....	08
Capítulo 2 - O filosofar em Epicuro.....	22
2.1) Epicuro e o filosofar.....	22
2.2) Da canônica epicurista.....	23
2.2.1) Das sensações.....	24
2.2.2) Das antecipações.....	26
2.2.3) Dos sentimentos.....	27
2.2.4) Das apreensões direta das apresentações do pensamento.....	29
2.3) Da física epicurista.....	29
2.4) Da ética epicurista.....	35
Capítulo 3 - A importância da Filosofia para uma vida prazerosa e feliz.....	39
3.1) Convite à ética do viver em Epicuro.....	40
3.2) Noção de prazer entre os gregos antigos.....	41
3.3) Sentido epicurista de hedoné.....	42
3.4) Importância da Filosofia para uma vida prazerosa e feliz.....	43
3.5) Perspectiva epicurista de uma vida prazerosa e feliz como enfrentamento dos temores humanos	45
Considerações.....	52
Referências.....	56

Introdução

O objeto desse estudo é a perspectiva de Epicuro de uma vida prazerosa e feliz, como enfrentamento dos temores humanos. A partir desse objeto empreendeu-se profícua análise das cartas, máximas e aforismos¹ do filósofo do jardim, de onde destacamos a importância filosófica, com o intuito de compreender como o pensamento epicurista pode favorecer uma prática de vida, relacionando uma vida prazerosa com uma vida feliz.

A fim de tornar as ideias mais claras sobre o que entende Epicuro por uma vida prazerosa e feliz, visto que é um dos nossos objetivos - Compreender a perspectiva epicurista do viver, destacando a relação entre prática filosófica e a busca de uma vida prazerosa e feliz -, desenvolveu-se o estudo em três capítulos, a saber: o primeiro, intitulado “*Epicuro e seu tempo: contexto histórico e político*”, aborda o contexto histórico-cultural de Epicuro e a sua influência na formação do pensamento filosófico epicurista; enquanto o segundo, “*O filosofar em Epicuro*”, investiga o cerne da filosofia epicurista e as suas particularidades que revelam um novo éthos filosófico para a época; e o terceiro, “*A importância da Filosofia para uma vida prazerosa e feliz*”, enfatiza os principais aspectos do pensamento epicurista em sua relação com a prática de vida considerada prazerosa e feliz.

Dessa feita, entendemos que o novo éthos filosófico empreendido por Epicuro consistia e consiste primordialmente em libertar os homens dos terrores e temores dos deuses, da morte e do porvir, além de propor o filosofar como recurso para administrar os desejos e mantê-los satisfeitos com o natural e necessário, indicando desse modo que é possível suportar as dores e, principalmente, que é possível ser feliz. Assim, resumem-se o essencial do novo éthos que Epicuro apresentou aos homens de seu tempo e que é válido até os dias atuais.

¹ No respectivo trabalho, por não termos tido acesso a obra de referência *Epicurea* de Hermann Usener, tomamos as citações de fragmentos a partir dos autores que constam nas referências teóricas, particularmente a obra de Sêneca “*Cartas a Lucílio*”; de Brun “*O epicurismo*” e Ullmann “*Epicuro o filósofo da alegria*”, que fazem menção direta aos fragmentos de Usener.

Portanto, o rumo proposto pela filosofia epicurista consiste em uma retomada da condição humana na perspectiva do natural e do necessário. Nesse sentido, o mestre do jardim exorta a “vida escondida”, recolhida na simplicidade do dia-a-dia onde pelo filosofar devemos aprender a sabiamente administrar o que é natural e necessário para uma vida feliz.

Capítulo 1 - Epicuro e seu tempo: contexto histórico e político

Epicuro, filósofo grego que viveu entre os anos de 341 – 270² a. C., a cada ano atrai mais estudiosos ávidos em conhecer o significado de sua “doutrina” filosófica. Uma das causas possíveis da procura pelo filósofo seria a originalidade de sua abordagem sobre a melhor forma de viver.

Mediante os espectros dos excessos, do desassossego e de um certo ar de desencanto que ronda o mundo de hoje, a proposta de Epicuro concorre, por seu turno, para uma vida feliz. Sua teoria nos revela mais uma prática de vida do que propriamente um sistema teórico e dessa feita instiga o homem dos dias atuais a buscá-lo como referência para seu arcabouço teórico e prático da vida. Daí, o crescente interesse pelo pensamento epicurista, haja vista que Epicuro exorta a filosofia como caminho para o homem chegar à vida feliz. Mas, Epicuro exorta uma filosofia objetiva que implica em um modo de viver, pois a filosofia para alguns gregos antigos era mais que uma sistematização de pensamentos, ela era, pois, um estilo de vida. Conforme a escolha da escola, o grego antigo adotava, outrossim, uma prática de vida.

Com isso, cabe resgatar o pensamento epicurista a partir do próprio Epicuro, com a finalidade de obter uma compreensão mais acurada do filosofar desse ilustre filósofo para o pensamento humano. Para tanto, comecemos pelo estudo do contexto histórico e político de Epicuro.

Segundo os historiadores dos registros filosóficos, Epicuro era filho de Neoclés e de Cairestrate. Sua família pertencia ao demo de Gargentos, constituída dos primeiros colonos que os atenienses enviaram à Samos, por volta do ano 352 a.C.³ Seu pai exercia o ofício de mestre-escola e sua mãe o de adivinha e “curandeira”, visto que benzia com fórmulas expiatórias as pessoas em seus lares a fim de curar e proteger de

² Há divergência entre os historiadores de filosofia sobre a data de nascimento (342 ou 341 a.C.), assim como da morte (271 ou 270 a.C.), no entanto, a maioria dos historiadores do pensamento filosófico concorda que Epicuro nasceu em 341 e faleceu em 270 a.C.

³ Cf. Epicuro. *Antologia de Textos de Epicuro*. Os pensadores, vol. V, p. 11.

doenças e males em geral. Ele possuía três irmãos, Néocles, Caridemo e Aristóbulos, que posteriormente o acompanharam em seus estudos filosóficos.⁴

Há controvérsias quanto a cidade de nascimento de Epicuro, enquanto alguns relatam que ele nasceu em Samos, cidade localizada a leste do mar Egeu, outros defendem que ele nasceu em Atenas, cidade localizada a oeste do mar Egeu. Independente da localidade, se em Atenas ou em Samos, Epicuro era cidadão ateniense, pois, conforme Diôgenes, pertencia ao demo de Gargentos. O ano de seu nascimento ocorreu aproximadamente no ano de 341 a.C. O período do seu nascimento coincide com o apogeu do reinado de Alexandre III, imperador da Macedônia, posteriormente conhecido como Alexandre, o grande. Foi nesse período que o imperador expandiu o seu império nos territórios desde o Mediterrâneo oriental até a distante Ásia central.

Alexandre, ao longo de sua vida conquistou imenso poder e precisava manter as regiões conquistadas, impedindo possíveis rebeliões. Uma das estratégias foi ele se valer da própria cultura dos povos conquistados.

Alexandre, o grande, conquistou os povos com a força e procurou manter o poder - sobre os povos conquistados - por meio da inteligência prática. Como, por exemplo, casando-se estrategicamente com as filhas dos reis vencidos e insistindo para que seus generais se casassem com mulheres persas, para garantir sua hegemonia. Essa estratégia, além de promover uma dominação sócio-cultural pela fusão da cultura dominada com a grega, evitava possíveis revoltas internas. No caso dos gregos, essa estratégia era fundamental, considerando a riqueza da estrutura institucional observada na diversidade de viver dentro de cada cidade-Estado.⁵

Dentre os povos conquistados estavam os outros gregos,⁶ que foram derrotados pela força, mas resistiram pela vitalidade do espírito livre e democrático de sua cultura. Apesar disso, já no reinado de Felipe II, a Grécia estava sob o domínio da Macedônia.

⁴ As principais fontes consultadas sobre a vida de Epicuro são as obras de Diôgenes Laértios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* e Epicuro por E. Joyau. *Antologia de textos de Epicuro*. Os pensadores. Vol. V.

⁵ TOYNBEE, J. Arnold. *Helenismo: história de uma civilização*. pp. 19, 118; 132.

⁶ Os gregos antigos tinham uma organização estatal peculiar. Cada cidade era constituída como estado "soberano" e, por vezes, democrático.

Felipe II fortaleceu, por conseguinte, seu exército pondo à disposição da infantaria o armamento ateniense moderno e a formação tebana.⁷ Com o melhor e mais aparelhado exército da época o império macedônico considera-se invencível e capaz de vencer todas as fronteiras.

Com a morte de Felipe II, ocorreram revoltas ao longo de toda fronteira norte, sobretudo na Macedônia e em Tebas.⁸ A Grécia estava agitada, considerando a incerteza dos dias de guerra.

Em um primeiro momento, Alexandre não teve dificuldades em manter o seu poder na Grécia, se firmando como imperador. Ele estabeleceu os desígnios políticos de seu interesse, de ordem que as cidades-Estado mantivessem uma quietude política.

Dessa feita, Alexandre Magno, pela força e pela cultura grega acelerou a marcha do ambicioso projeto político de dominação de todo o mundo conhecido. Sob o caráter da cultura grega, Alexandre lutou para unificar o império macedônico.

É nesse contexto sócio-político de expansão do império macedônico que Epicuro se desenvolveu como cidadão e como pensador.

O mundo antigo estava desassossegado com tantas guerras e toda sorte de incertezas. Apesar dos pesares e das adversidades do momento histórico, os gregos precisavam continuar a viver e a educar os seus filhos. A educação, iniciada no seio familiar, prosseguia sob os cuidados do estado. Independente das dificuldades políticas era preciso continuar preparando os jovens para a o exercício da cidadania.

Desde os primeiros anos de existência, Epicuro demonstrou vivacidade e interesse pela vida, sobretudo pelas atividades dos seus pais e dos habitantes de sua cidade. Como cidadão ateniense, recebeu uma formação própria aos gregos, ou seja, foi educado com base na cultura dos seus antepassados. O jovem Epicuro cresceu em contato direto com o pensamento grego, sobretudo o dos filósofos. Em contato com esses conhecimentos, Epicuro cresceu em sabedoria, sobremaneira a relacionada à vida humana.

⁷ Ibid., p. 114

⁸ Ibid., p. 117.

Sedento em conhecer as coisas, ainda na mocidade, Epicuro tomou contato com a Filosofia, reconhecendo a sua importância para a compreensão de suas indagações acerca do homem e de sua existência. A consciência de que os conhecimentos filosóficos era algo bom, fez com que o jovem Epicuro se dedicasse com afinco aos seus estudos. Com o tempo, instigou também seus irmãos Néocles, Caridemo e Aristóbulos⁹ a fazerem o mesmo.

Os estudos realizados em comum com os irmãos fortaleceram tanto os laços consanguíneos quanto os laços de amizade. Com isso, os irmãos passaram a conhecer o significado da força da amizade fraternal, um liame construído e fortalecido no convívio diário.

Epicuro foi além dos estudos com seus irmãos, ele perseguiu o pensamento filosófico pelos filósofos e por si mesmo. Seguindo o espírito dos primeiros pensadores gregos, Epicuro desenvolveu o gosto pela investigação e pelos questionamentos, principalmente os relacionados aos problemas humanos e à sua convivência social. Dentre esses problemas estão o prazer, a sabedoria, a felicidade e todas as questões pertinentes à alma.

No decorrer do seu desenvolvimento físico e intelectual, Epicuro tomou conhecimento de sua cultura. Como jovem grego, ele procurou acompanhar as mudanças políticas e sociais de sua época, tanto as de sua cidade quanto a das cidades vizinhas, fortalecendo dessa forma a sua concepção de cultura e cidadania grega.

Por volta dos seus 18 anos, Epicuro foi enviado à Atenas para prestar serviço militar, que geralmente tinha duração de dois anos.¹⁰ Quando estava em Atenas, Samos, sua cidade natal sofreu uma reviravolta política, devido aos problemas políticos e sociais gerados pela morte do imperador Alexandre Magno, em 323 a. C.

Devido aos conflitos que ocorriam em Samos, mais precisamente a reintegração de Samos aos seus habitantes, por força de édito executado por Pérdicas. A fim de estabelecer harmonia com os habitantes autóctones, ele forçou os colonos atenienses

⁹Ibid., vol. V, p. 13.

¹⁰ SPINELLI, Miguel. *Os caminhos de Epicuro*. p. 26-27.

a sair de Samos. Alguns deles, como a família de Epicuro, preferiram migrar para a cidade de Cólofon.¹¹ Para apoiar sua família no momento de crise, Epicuro saiu de Atenas e ficou algum tempo com seus pais em Cólofon.¹² Depois desse período, o jovem Epicuro retornou à Atenas onde permaneceu a maior parte de sua vida e se firmou como pensador. É nessa cidade que Epicuro não apenas aprofundou seus estudos filosóficos, mas também procurou vivenciar esses estudos na vida prática. Com o tempo, resolveu fundar uma escola dedicada à investigação da melhor forma de viver.

Atenas era uma polis onde os seus cidadãos viviam plenamente o exercício do pensar, atraindo, por seu turno, estudantes e estudiosos de outras cidades. Isso possibilitou, também, o exercício do pensar com os habitantes de outras cidades. Epicuro era um peregrino grego que usufruiu da oportunidade de receber uma educação adequada e de participar ativamente da vida filosófica ateniense, seja como estudante, seja como mestre e fundador de uma prática filosófica.

Mas, a vida em Atenas não era só filosofar era, outrossim, uma dinâmica de vida prática na polis onde a vida política estava acima da subjetividade. Os atenienses valorizavam seu modo de viver, mas como todo povo eles sofreram os efeitos de suas desmedidas políticas. Um dos problemas práticos gerados pela morte de Alexandre foi a crise enfrentada pelos seus aliados no governo das cidades conquistadas e governadas pelo império alexandrino. Essa crise gerou instabilidade política também em Atenas, cidade dominada na época pelas forças políticas e militares de Alexandre Magno.

Atenas foi uma das cidades que mais sentiu os efeitos dos desdobramentos da crise política, haja vista que os atenienses prezavam sobremaneira a liberdade em todos os sentidos. Diante da crise no império macedônio, os atenienses reclamaram com toda sua eloquência a condição de independência da polis.

¹¹ A cidade de Cólofon, tal como Samos, situava-se a leste do mar Egeu, próxima a cidade de Éfeso.

¹² Cf. LAËRTIOS, Diôgenes. *Vida e doutrina dos filósofos ilustres*. Capítulo X, (2), p. 283.

Historicamente, os autores convencionaram o ano da morte de Alexandre, o grande, como o início do período conhecido como *Helenismo*.¹³ Se há consenso quanto ao seu início, o mesmo não ocorre com relação ao seu período de vigência e término. Enquanto alguns autores consideram o ano de 146 a.C. como período provável de término, outros o situam entre os anos de 31 ou ainda 30 a.C. Os autores que consideram o ano 31 a.C. utilizam como referencial a Batalha de Actium.¹⁴ Independente das divergências entre os historiadores, o *Helenismo* começa no fim do séc. IV a. C. e vai até o fim do séc. I a.C.,¹⁵ abrangendo cerca de três séculos de história.

O começo do *Helenismo* inaugurou um período importante para os gregos, principalmente devido a expansão cultural do seu estilo de ser e pensar à diversos lugares, do mundo conhecido na época.

Uma das principais características do Helenismo é a propagação da língua e da cultura grega entre outros povos, caracterizados pelos gregos como “bárbaros”. A riqueza da cultura grega sempre atraiu o interesse de outros povos, mas durante o governo de Alexandre adquiriu uma conotação maior, tomando proporções inovadoras para a época. Com isso, o contato cultural dos gregos com outros povos aumentou, adquirindo uma conotação intercultural, propiciada pela necessidade de utilizar a língua grega como estratégia de dominação macedônica sobre os outros povos, inclusive aos próprios gregos.

Em decorrência disso, podemos dizer que as conquistas de Alexandre o grande, acelerou o processo de contato entre a cultura ocidental, representada pelos gregos e latinos, e a cultura oriental. Alguns doxógrafos mencionam viagens empreendidas por alguns pensadores gregos às cidades localizadas no oriente, pressupondo um interesse mútuo em conhecer a cultura do outro. Com Alexandre esse contato passa a ser incentivado com a propagação da cultura grega aos outros povos, seja pelos próprios gregos, seja pelos estrangeiros que aprenderam a língua e conheceram a

¹³ O termo helenismo, do grego hellenizein, significa "falar grego", "viver como os gregos".

¹⁴ Guerra civil vencida no ano de 31 a.C. por Caio Júlio César Otaviano sobre Antônio Marcos que tinha apoio da rainha Cleópatra do Egito. Com a vitória de Otaviano o império romano impõe sua supremacia política e bélica sobre os territórios das conquistas alexandrina.

¹⁵ Cf. Pierre Hadot, 1999, p. 139.

forma de pensar grega. Em algumas situações, os estrangeiros procuravam mestres – escravos ou livres – para ensinar os seus filhos a arte de viver e pensar grega, sobretudo a arte política e a estratégia militar.

Dessa forma, podemos inferir que a combinação de elementos culturais oriundos do contato entre os gregos e os povos do oriente constitui uma forma de pensar diferenciada, que enriquece o conhecimento de ambos os povos. Sob o domínio do império macedônico alguns povos foram “forçados” estrategicamente a conhecer a língua e a cultura dos outros, sobretudo a dos gregos. Esse contato origina um dos períodos históricos mais ricos em diversidade cultural, conhecido como *Helenismo*. É justamente nesse período que surgem algumas escolas filosóficas que procuram explicar as mudanças da época, dentre elas o Epicurismo e o Estoicismo.

Devido à diversidade e particularidade culturais, alguns autores procuram explicar as principais características e influências do Helenismo. Pierre Hadot é um dos autores que aborda o fenômeno do Helenismo como um importante momento para os gregos. Segundo Hadot (1999, p. 139), é nesse período que a Grécia:

[...] começa então a descobrir a imensidade do mundo. É o início de trocas comerciais intensas, não só com a Ásia central, mas também com a China, a África e igualmente com o Oriente europeu. As tradições, as religiões, as idéias, as culturas se misturam, e esse encontro marcará com um cunho indelével a cultura do Ocidente.

Segundo o autor, as mudanças culturais se refletiram diretamente na vida prática, sobretudo nas relações comerciais, políticas e religiosas. Nessa época, as tradições culturais expressas pela religião, pela política e pelo comércio não se acham alheias uma das outras, mas sim em uma forma inter-relacionada.

Com isso, podemos dizer que Epicuro, mediante a realidade do seu tempo, não se curvou as circunstâncias, mas procurou entender o processo como um todo, e suas implicações para a vida humana.

Diôgenes Laércio (X, 2) registra que o próprio Epicuro teria narrado como início dos seus estudos filosóficos os 14 anos de idade, como tentativa de compreender o

significado da origem do “caos” citado no poema de Hesíodo. Respalado em uma informação do epicurista Apolôdoros, Diôgenes destaca a decepção do jovem estudante com seus mestres-escolas, que não conseguiram responder satisfatoriamente as suas indagações.

A frustração com os primeiros mestres-escolas teria feito com que Epicuro procurasse conhecer o pensamento de outros mestres, dentre eles: Arquêlaos, mestre de Sócrates (X, 12), Nausifanes, Praxifanes, Xonocrates (X, 13), o platônico Pânfilos de Samos (X, 14), “Demócrito”, e dentre outros os pensamentos de Platão, Aristóteles, Aristipos (X, 4).

Na introdução da *Antologia de textos de Epicuro* (1973, p. 11), E. Joyau comenta que o aprofundamento do interesse de Epicuro pelos problemas filosóficos foi graças ao mestre-escola Nausifanes, discípulo de Demócrito. Com isso, podemos inferir que a influência do pensamento democritiano sobre o epicurista teria ocorrido não diretamente do próprio Demócrito, mas intermediado por Nausifanes.

O registro de Diôgenes dos vários mestres e pensadores que teriam direta ou indiretamente influenciado o pensamento de Epicuro é contrabalanceado com a observação que o filósofo não se considerava credor de nenhuma forma de pensar, uma vez que teria afirmado em uma carta a Eurílocos sua condição de autodidata (X, 13).

Com isso, podemos deduzir que o contato de Epicuro com os pensamentos de outros filósofos, dentre eles Platão e Aristóteles, não o influenciou a escolher entre uma forma de pensar ou outra, mas a adotar as ponderações que considerava pertinentes à compreensão da situação política de sua época.

Assim sendo, observamos que Epicuro, apesar de receber influência do pensamento de Platão e do Platonismo, do pensamento de Aristóteles e do Aristotelismo não adotou nenhuma delas como preponderante em seu filosofar. Em sua obra, o pensador aproveitou dos conhecimentos estudados somente o que convinha a sua forma de pensar sobre o universo, a natureza, o homem e o seu estilo de vida.

Quanto ao Atomismo, os comentadores relatam uma influência maior que possibilita explicar tanto a origem da natureza como um todo quanto a origem do homem, suas expectativas e sentimentos.¹⁶ Portanto, podemos dizer que o pensamento de Epicuro possui características originais, que procura entender o homem em sua completude.

Em sua época, a forma de pensar de Epicuro atraiu muitos admiradores, mas também alguns detratores por diversos motivos, por desconhecimento, por distorção ou mesmo por inveja.

No decorrer da história, o pensamento de Epicuro despertou e ainda continua despertando o interesse de muitos pensadores e leitores curiosos, sobretudo daqueles que o associaram ao *hedonismo* ligado estreitamente ao corpo ou a uma vida feliz por meio de um prazer moderado.

Epicuro, mediante as circunstâncias políticas e sociais de seu tempo e após profícua reflexão acerca dos problemas humanos, resolveu fundar uma escola a fim de discutir e estudar com seus amigos e, em conjunto, para tentar encontrar respostas as inúmeras indagações que causavam temores aos homens, dentre elas a questão dos deuses, da morte, das dores e dos efeitos do prazer.

Segundo Diôgenes Laértios (X, 15), Epicuro teria fundado sua primeira escola de Filosofia aos trinta e cinco anos de idade na cidade de Mitilene, depois repetiu o feito em Lâmpsacos. Aos quarenta anos teria fundado a sua escola de maior proeminência na cidade de Atenas, conhecida como o “Jardim de Epicuro” (X, 17).

Na cidade de Atenas Epicuro encontra um solo receptivo ao seu projeto filosófico-pedagógico. O primeiro passo foi adquirir uma propriedade que comportasse as instalações adequadas aos seus propósitos e reunir pessoas com a finalidade de filosofar acerca dos problemas humanos. Ele encontra uma propriedade nos arredores da cidade, que atendia a exigência de tamanho e que propiciava a tranquilidade necessária ao filosofar. Outra vantagem que o pensador soube aproveitar foi a existência de um jardim, utilizado como local de encontros e debates filosóficos.

¹⁶ O Atomismo e a sua presença no pensamento epicurista será melhor desenvolvido no segundo capítulo deste texto.

É justamente no espaço do jardim que Epicuro desenvolveu as suas principais concepções e máximas filosóficas, granjeando assim a denominação de filósofo do jardim.

No âmbito do jardim de sua escola, Epicuro exerceu plenamente aquilo que defendia no início da Carta a Meneceu (Diôgenes, X, 122), o filosofar em todos os momentos da existência humana. Em sua escola, o pensador filosofava com todos aqueles que desejavam conhecer: homens livres ou escravos; mulheres livres ou escravas; jovens ou velhos; cortesãs, estrangeiros, etc. Dentre as cortesãs que conviviam ou que mantinham correspondência com Epicuro, Diôgenes (X, 4 e 7.) registra os nomes de Leôntion, Mamácion, Hedeia, Erócion e Nicídion. Talvez a opção de Epicuro permitir a presença de mulheres consideradas a margem da sociedade seja o motivo das inúmeras detratações citadas pelo doxógrafo em seu livro.

Considerando a presença diversificada de alunos e alunas nos estudos realizados no jardim, podemos inferir que as reflexões e máximas foram fruto de uma ação classificada como “com-vivencial”, ou seja, como resultado de uma intensa e interativa convivência de diferentes pessoas. No todo, cada um desses pensamentos tendiam a desembocar em um modo peculiar de compreender o ser humano, sua forma de viver e agir, sua maneira de se relacionar consigo mesmo e com os outros, sua forma de pensar a natureza e o universo.

Historicamente, Epicuro foi associado ao hedonismo, ou seja, a ênfase na *hedoné* (prazer). Alguns autores precipitadamente vislumbram na filosofia epicurista uma vida de prazeres desmedidos em contraposição a uma vida virtuosa e moderada. Entretanto, as cartas deixadas pelo filósofo aos seus discípulos deixam entrever o verdadeiro sentido do hedonismo epicurista, seus princípios, preceitos teóricos e regras práticas de vida.

Como foi mostrado acima, Epicuro viveu em um período histórico conturbado econômico e politicamente, por conseguinte socialmente instável o que exigia um comprometimento efetivo com os problemas da época. Mesmo instado pelos seus contemporâneos e amigos a participar das decisões políticas, ele resolveu atender aos anseios daquilo que acreditava, concentrando todos os seus esforços na reflexão dos

problemas humanos, independente das vicissitudes sociais e políticas. No jardim de sua escola, o filósofo dos jardins, encontrou espaço para uma compreensão do homem em sua relação consigo e com os outros.

Os debates que Epicuro travou com seus discípulos e amigos atraíram a atenção de outros interessados em filosofar acerca de uma vida feliz em uma época cheia de restrições políticas. Nem todos os ensinamentos de Epicuro chegaram a nossa época, ou porque não foram compilados ou porque se perderam pela força inexorável do tempo. Foi graças à atenção dispensada por Epicuro aos seus discípulos que conhecemos uma pequena parte de toda a filosofia ensinada e transmitida por ele no Jardim.

De acordo com Diôgenes Laértios (X, 26-27), Epicuro foi autor de um grande número de obras, superando todos os seus antecessores com cerca de trezentos volumes. Dos trinta e oito títulos citados por Laértios (X, 27-30), ele transcreveu três de suas *epístolas*, as endereçadas a Herôdotos, a Pítocles e a Meneceu, e algumas de suas *Máximas principais*.

A pretensa finalidade dos ensinamentos legados aos discípulos sob a forma de epístolas seria incentivar o prosseguimento da reflexão filosófica acerca da melhor forma de viver.

Compreender a filosofia epicurista exige um amplo exercício de dedução, tentando depreender das poucas cartas que chegaram até nós e dos fragmentos das *Máximas principais* o que o filósofo pensava ser a boa vida e o prazer. Entender a filosofia de Epicuro exige um esforço que transcende os muros do jardim de sua escola, porque ela transpõe tanto os limites geográficos do jardim como as barreiras do espaço e do tempo.

Apesar de Epicuro não participar diretamente da vida política de sua época, ele procurou refletir sobre as formas como o homem pode viver bem, tanto no aspecto físico quanto psíquico. Sobre a vida política de Epicuro, Laértios (X, 10, p. 285), comenta que:

[...] Por excesso de moderação, Epicuro não participou da vida política. Apesar das terríveis calamidades que se abatiam sobre a Hélade em sua época, ele passou toda a sua vida lá, à exceção de duas ou três viagens a certas regiões da Jônia com o objetivo de visitar amigos.

O trecho acima expõe dois aspectos significativos da personalidade do filósofo: o primeiro relaciona-se a prática da moderação em suas ações; e o segundo a sua dedicação aos amigos, deixando entrever o quanto a amizade era valorizada por ele.

A dedicação e a presteza de Epicuro para com os interesses dos seus amigos prolongaram-se mesmo durante os momentos que antecederam a sua morte. Laértios (X, 22) menciona uma espécie de carta-testamento, em que o pensador dirige as seguintes palavras ao seu discípulo Idomeneu:

Neste dia feliz, que é também o último dia de minha vida, escrevo-te esta carta. As dores contínuas resultantes da estrangúria e da disenteria são tão fortes que nada pode aumentá-las. Minha alma, entretanto, resiste a todos esses males, alegre ao lembrar os nossos colóquios passados. Cuida dos filhos de Metrodôros, de maneira compatível com a generosa disposição espiritual que desde jovem mostrastes em relação a mim e à Filosofia.

Ao que parece, a fala de Epicuro na hora da morte quer chamar a atenção para uma concepção de que a vida feliz é possível e prazerosa, mesmo nos momentos difíceis e dolorosos. Que tipo de homem na iminência da morte consideraria o momento da morte como um dia feliz? Creio que somente alguém que conhecesse o valor da vida e que não a limitasse a uma existência corporal. Alguém que acreditasse em algo que transcendesse a existência presente e enaltecasse o valor humano em todas as situações da vida. Essas ponderações denotam o quanto Epicuro valorizou todos os aspectos da vida, e durante sua existência procurou entender as fraquezas do corpo e, principalmente, a importância do fortalecimento da alma. Neste aspecto, a filosofia seria uma espécie de *pharmakón* para os momentos da vida, inclusive para a compreensão da morte.

Para um homem com fortes dores resultantes de problemas renais, a possibilidade de término desse sofrimento poderia ser caracterizado como um dia feliz.

No entanto, não parece ser a perspectiva de Epicuro, considerando a sua concepção de vida, incluindo a morte como algo natural, ou seja, como inerente ao próprio ciclo da vida. Em sua concepção as dores sensíveis poderiam ser suportadas, desde que alguém soubesse como fazer isso.

Mesmo com fortes dores, Epicuro procurou manter a serenidade e não esqueceu dos interesses dos amigos. Lúcido, Epicuro exortou Idomeneu, seu amigo, a assumir a responsabilidade de cuidar dos filhos de Metrôdoros, dispensando a mesma generosidade e companheirismo que dedicara ao mestre e a Filosofia. Com isso, podemos perceber o quanto a disposição do espírito era importante para a concepção de vida em Epicuro.

Em sua existência, Epicuro procurou na Filosofia uma forma de viver em paz com ele mesmo e com os outros. Para ele, a sabedoria poderia conceder uma resposta tanto para o viver como para o morrer sereno. Ele aplicou sua concepção de vida em si mesmo, procurou viver bem e morrer com nobreza.

Conforme Diôgenes Laértios (X, 22), o filósofo morreu no segundo ano da 127ª Olimpíada, o que coincidiria com o ano de 270 a.C. Sua provável idade ao morrer seria de setenta e um anos.

Dado o exposto, cabe mencionar que alguns filósofos helênicos, dentre eles Epicuro, procuraram na prática filosófica respostas aos temores humanos, tal como a morte. No caso específico de Epicuro, ele estendeu sua forma de pensar aos homens privados da liberdade política, instigando um reconhecimento da própria condição humana, independente de qualquer condição social.

Com isso, não queremos dizer que o pensamento filosófico relegou a um segundo plano a formação do cidadão, ao contrário, a intensificou e propôs outras formas de viver.

Apesar das perturbações que inquietavam o espírito grego, o *Helenismo* foi frutuoso e na sua curta existência marcou o surgimento de um período fértil para o pensamento filosófico, pois possibilitou o aparecimento de algumas escolas filosóficas como: a estóica, a epicurista, a cética e a cínica. Durante esse período histórico, o

pensamento filosófico já não era prerrogativa somente dos gregos, mas de todos os homens nos diferentes lugares em que moravam e construíam seu modo de ser, viver e pensar.

Dessa feita, cabe salientar que o Helenismo, além de ser um rico momento histórico, representou uma conquista para a humanidade, sobretudo com a introdução de uma perspectiva de homem cosmopolita. A partir desse momento, ocorreu a intensificação de um sincretismo cultural em todo o mundo conhecido da época. Assim, podemos inferir que a cultura helênica não constitui uma herança dos gregos para os gregos, mas sim dos homens para os homens, independente de sua origem, nacionalidade ou qualquer outra situação.

No decorrer do período helênico, Epicuro procurou entender o movimento histórico-cultural do seu tempo e, com isso, buscou uma resposta coerente e satisfatória aos problemas da época. Suas reflexões ressoam em nossos dias e despertam o interesse de todos. Esse interesse ainda ocorre porque Epicuro desenvolveu seu pensamento a partir de sua própria experiência filosófica de vida. Sua filosofia baseia-se em uma atitude de vida, em um modo de viver em paz e feliz.

Capítulo 2 - O filosofar em Epicuro

2.1) Epicuro e o filosofar

Da obra de Epicuro Diôgenes Laértios nos legou algumas máximas e três cartas que refletem de maneira objetiva e pontual o pensamento do mestre. A marcha do pensamento de Epicuro começa pelo esclarecimento dos fenômenos relacionados à vida como um todo, sejam naturais ou produzidos pelo homem.

Diôgenes Laértios (X, 29-30, 2008, p. 289), ao caracterizar a vida e o percurso filosófico de Epicuro, divide os seus ensinamentos em três partes: canônica, física e ética. Sobre a função de cada uma dessas partes comenta: “A *canônica é uma introdução ao sistema doutrinário; a física abrange toda a teoria da natureza; a ética trata dos fatores relacionados com a escolha e a rejeição.*” Apesar da divisão, as partes não podem ser compreendidas isoladamente, posto que a sabedoria epicurista constitui uma inter-relação desses três conhecimentos. No caso específico da ética, os seus fundamentos teóricos e práticos são apreendidos do sentido de natureza encontrados na canônica e na física.

Com isso, podemos apreender que o filosofar epicurista, encontrado nas máximas e cartas, constitui não apenas uma teoria acerca do viver humano, mas antes de tudo um filosofar acerca da prática de vida, independente de qualquer circunstância favorável ou não.

A leitura atenta das cartas e máximas legadas por Epicuro deixa entrever uma estreita relação entre a canônica, a física e a ética, uma vez que a compreensão da existência dos seres pressupõe uma parte física ou natural e uma parte construída na forma de habitações e hábitos sociais. No caso específico dos seres humanos, a construção ocorre pela edificação de cidades, de valores (sociais, religiosos, políticos, econômicos, ideológicos) e de projeções causais ou imaginárias de um porvir nesta ou depois da vida.

A canônica, a física e a ética constituem os três passos para a filosofia de Epicuro dos quais é imprescindível que sejam seguidos, visto que a ausência de um

desses saberes tende a frustrar a busca pela sabedoria. Dado que sem a canônica não se pode atingir o conhecimento da física, e sem esta, o da ética, o filosofar sobre o viver feliz pressupõe as bases inter-relacionadas dos três conhecimentos.

Para uma melhor compreensão do filosofar de Epicuro, exporemos a seguir as principais características da canônica, da física e da ética, destacando, quando necessário, as relações entre elas. Sem destacar a ordem de importância entre esses conhecimentos, começaremos pelas diretrizes básicas da canônica.

2.2) Da canônica epicurista

Em grego, *kanón* etimologicamente apresenta os significados de “*pedaço de madeira comprido; pega do escudo; pau da roca; régua de carpinteiro*”. Posteriormente, o termo passa a significar também “*regra, tipo, molde, princípio, cânon*” (Izidro Pereira, p. 295). Geralmente são os significados derivados que os dicionários de filosofia registram aos termos *canôn* e *canônica*. Em Nicola Abbagnano (1999, p. 114), a *canônica* designa, sobretudo, o sentido de “*critério ou regra de escolhas para um campo qualquer de conhecimento ou de ação.*”

Quando Diôgenes Laértios (X, 30) registra o que os epicuristas entendiam por *canônica*, observa-se a ênfase no sentido derivado de “regra” e de “princípio”: “[...] *ciência do critério da verdade e do primeiro princípio, e também doutrina elementar*”. Sobre esse critério de verdade da *canônica* epicurista, o doxógrafo (X, 31) observa que ela pressupõe “*as sensações (aísthesis), as antecipações (prólepsis) e os sentimentos (páthos), acrescentando a estes a apreensão direta das apresentações do pensamento*”.

Pelo registro de Laértios, podemos inferir que a *canônica* epicurista constitui os princípios necessários da concepção filosófica do viver de modo geral, tanto natural quanto social. Na concepção epicurista, o viver relaciona-se com a forma como o homem percebe, apreende, compreende e explica a sua relação com os meios natural e social. Nessa relação, o homem expressa suas sensações por meio da linguagem, constituindo com isso suas percepções e apreensões teóricas. Nesses termos, a

canônica contribui para que o homem compreenda as suas percepções imediatas e forme suas principais concepções acerca do viver feliz.

No processo de desdobramento dos critérios de verdade da canônica epicurista, é preciso compreender o significado atribuído as expressões: “sensações”, “antecipações”, “sentimentos” e “apreensão direta das apresentações do pensamento”.

2.2.1) Das sensações

Segundo Abbagnano (1999, p. 870), *sensação* tem dois significados fundamentais: 1) um significado generalíssimo, em virtude do qual designa a totalidade do conhecimento sensível, ou seja, todos e cada um de seus elementos; 2) um significado específico, em virtude do qual designa os elementos do conhecimento sensível, ou seja, as partes últimas, indivisíveis, de que supostamente é constituído.

As sensações, na perspectiva epicurista, compreendem tanto o primeiro quanto o segundo significado. Identificamos em Epicuro a concepção que todo conhecimento é essencialmente sensível e o que não é sensível não pode ser conhecido. Desse modo, todo conhecimento em suas partes são sensíveis, inclusive o conhecimento último.

Seguindo a influência da teoria atomista de Leucipo e Demócrito, a concepção de conhecimento em Epicuro é constituída pelo contato com os átomos e o vazio. Esses dois elementos seriam os responsáveis pela existência de todas as coisas, conforme a natureza de cada um deles. A natureza dos *átomos* é “indivisível” (átomos) e “imutável” (ametábletos) e a do *vazio* é o existente intangível e o espacial que não oferece resistência ao movimento.

Devido a importância do conhecimento sensorial em Epicuro, o termo grego *aísthesis*, traduzido geralmente por “*sensação*”, é um dos conceitos-chave da canônica epicurista. O termo também denota o “*órgão dos sentidos*” responsável pela apreensão do conhecimento sensorial.

Sobre o conhecimento em Epicuro, Diôgenes Laértios (X, 32, p. 290) nos informa que “*nem a razão pode contradizer as sensações, porque a razão depende totalmente das sensações*” e “*a veracidade das sensações é garantida pela existência*”

efetiva das percepções imediatas”, visto que “*todas as nossas noções derivam das sensações, seja por incidência, ou por analogia, ou por semelhança, ou por união, com certa colaboração também do raciocínio.*” Seguindo as informações legadas por Laêrtios, a **sensação** constitui tanto a origem do conhecimento quanto a ponte que liga o homem a sua realidade imediata. É no contato com a realidade que o homem sente e percebe de forma imediata o aglomerado e a complexidade das disposições atômicas.

Com isso, é fatural inferirmos que as sensações são responsáveis, em primeira instância, por tudo o que conhecemos. Considerando que as sensações são consideradas como fonte das percepções, são as mais imediatas que asseguram a sua legitimidade. Portanto, o que não é imediatamente apreendido pela sensação, não é conhecível, segundo a perspectiva epicurista.

Se acreditarmos na veracidade das observações de Laêrtios quando ele observa que a “*razão depende totalmente das sensações*”, podemos inferir três coisas: primeiro, a estreita relação entre as sensações e a razão; segundo, que a sensação constitui o elemento de reflexão da razão; e terceiro, que o conhecimento origina-se do diálogo entre o que a sensação fornece e o que a razão apreende e torna inteligível. Com isso, pode dizer ainda que, somente por meio das sensações, o homem forma suas *apreensões, percepções, noções, antecipações, simulacros, etc.*

Dado o exposto, deduz-se que a sensação em Epicuro constitui a primeira forma de contato com a realidade, sendo considerada inclusive como a fonte dos pensamentos. Ao que tudo indica, a realidade tangível para o epicurista é um sistema integrado pelos átomos e pelo vazio, constituindo a forma como o indivíduo interage e compreende o mundo por meio da sensação e, também, da razão, uma vez que a “*razão depende totalmente das sensações*”.

Sobre o significado da **sensação epicurista**, Brun (1987, p. 48) comenta que ela pode ser compreendida como “[...] uma apreensão do instante e é em função desta apreensão que devemos tomar uma atitude serena.” O comentário de Brun é respaldado nas informações fornecidas por Laêrtios, (X, 37), quando ele expõe o prelúdio da epítome que Epicuro dedica à Heródotos, sobre os benefícios obtidos com os seus estudos sobre a natureza. Dentre esses benefícios estaria a obtenção de uma

calma pessoal, justamente o que Brun denomina como *atitude serena*, tema que desenvolveremos no terceiro capítulo deste trabalho.

A base canônica do filosofar epicurista pode ser apreendida pela observação encontrada na *Máxima XXIII* (Diôgenes, X, 146), que diz o seguinte: “Se lutares contra todas as sensações, não terás um critério de referência, e assim não poderás julgar sequer aqueles juízos que qualificas de falsos”.

Uma das coisas que fica claro com a leitura da *Máxima XXIII* é que o critério utilizado na filosofia epicurista é reconhecidamente as sensações imediatas. Segundo essa visão, as sensações constituem o conhecimento propedêutico de toda reflexão epicurista. São justamente os conhecimentos sensoriais que fornecem a base de toda a reflexão natural com vistas à ética do bem viver.

Com isso, podemos inferir que a utilidade da canônica no processo de preparação dos neófitos nos conhecimentos filosóficos pressupõe, em primeiro lugar, a compreensão criteriosa dos princípios primordiais das percepções sensíveis. Por conseguinte, a veracidade dos conhecimentos sensoriais é garantida pela sua percepção. Somente se o neófito compreender os conhecimentos físico-sensoriais, ele terá condições de enveredar pelo estudo das evidências tangíveis manifestas na natureza como um todo.

Em linhas gerais, é pela adequada compreensão da percepção das sensações que se formam os conhecimentos. São as sensações que desencadeiam as outras formas de percepção, como: as antecipações, os sentimentos e a apreensão direta das apresentações do pensamento.

2.2.2) Das antecipações

Em grego, o termo que encontramos nas traduções como “antecipação” corresponde ao substantivo feminino *prólepsis* que também significa “*idéia inata; presunção, opinião*” (Isidro Pereira, p. 486).

Quando Diôgenes Laértios (X, 33) expõe o que os epicuristas entendiam por “antecipação” ele fornece a seguinte informação: “[...] uma espécie de cognição ou

apreensão imediata do real, ou uma opinião correta, ou um pensamento ou uma idéia universal ínsita na mente, ou seja, a memorização de um objeto externo que apareceu freqüentemente [...]”. Em seguida, Laêrtios tenta explicar o que significaria a antecipação na canônica epicurista quando alguém pronuncia uma palavra como “homem”. Segundo ele, esse termo quando fosse ouvido por outra pessoa suscitaria imediatamente uma imagem correspondente na mente. A origem dessa imagem mental seria guiada preliminarmente pelos sentidos.

Diôgenes Laêrtios não poderia ser mais claro quanto a origem sensorial das antecipações e a sua formação imagética na mente, que pode influenciar ou não o conhecimento relacionado a ela. Quando Laêrtios observa que a pronuncia da palavra “homem” suscita a expectativa de uma “confirmação” (X, 34), ele acrescenta como ocorreria essa confirmação pelo homem: “[...] a opinião é verdadeira se a evidência dos sentidos a confirma ou não a contradiz; é falsa se a evidência dos sentidos não a confirma ou a contradiz.”

Com isso, podemos inferir que o critério de confirmação ou não das antecipações são as sensações imediatas.

2.2.3) Dos sentimentos

Em grego, o termo *páthos* apresenta o sentido geral de “o que se experimenta/ prova/ experiência/ acontecimento, acontecimento no mar, infortúnio/ estado agitado da alma/ paixão (boa ou má: prazer, amor, tristeza, ira, etc.)”. Em filosofia, o termo passou a ser utilizado com os sentidos de “mudança produzida nas coisas/ propriedades das linhas geométricas”. (ISIDRO PEREIRA, 1990, p. 421).

Na canônica epicurista o termo *páthos* exerce um importante papel, sobretudo no que se refere à experimentação de algo que pode conduzir tanto ao prazer quanto a dor, causa dos infortúnios e sofrimentos.

Diôgenes Laêrtios (X, 34) registra que os epicuristas distinguem dois tipos de sentimentos ou afecções (*páthos*): “[...] o prazer e a dor, que se manifestam em todas

as criaturas humanas, e que o primeiro é conforme à natureza humana, e a outra lhe é contrária, e que por meio dos dois são determinadas a escolha e a rejeição.”

Conforme Laêrtios, podemos inferir que o prazer e dor são estados em que podem conduzir o homem ao bom relacionamento com a natureza, por meio do prazer, ou pode conduzir ao afastamento, por meio da dor.

Na Máxima Principal VIII, encontrada em Diôgenes Laêrtios (X, 142), verifica-se a observação de que: “*Nenhum prazer é um mal por si mesmo, porém aquilo que produz alguns prazeres traz perturbações muitas vezes maiores que os próprios prazeres*”. Com isso, é possível inferir que os epicuristas, apesar de considerarem o prazer como sentimento bom, eles não ignoravam que alguns deles poderiam resultar em perturbações, causa de sofrimentos. Por isso, a importância que dedicavam aos critérios de escolha e rejeição dos prazeres. Somente por meio da formação filosófica, seria possível distinguir os prazeres e as dores que não resultassem em nenhum tipo de sofrimento.

Segundo os princípios epicuristas, o filosofar constituiria um proceder de acordo com a natureza, conforme o seguinte registro: “Se em cada ocasião em vez de submeter tuas ações ao objetivo da natureza preferires voltar-te para qualquer outro padrão de referência mais próximo quando estiveres fazendo uma escolha ou rejeição, tuas ações não se coadunarão com seus princípios”.¹⁷ Portanto, os procedimentos de escolha e rejeição devem estar em harmonia com a natureza, para que as escolhas e rejeições sejam condizentes com o que é natural e necessário para uma vida agradável e feliz.

A escolha e a rejeição balizadas pelos sentimentos de prazer e de dor configurariam as impressões que adquirimos por meio das sensações imediatas. São os sentimentos que fornecem as pistas para justificar o comportamento humano, sobretudo em sua relação com ele mesmo e com o mundo.

¹⁷ Diôgenes Laêrtios, X, (Máxima XXV), 147.

2.2.4) Das apreensões direta das apresentações do pensamento

As denominadas “apreensões direta das apresentações do pensamento” constituem uma espécie de síntese das sensações, das antecipações e dos sentimentos? Ou elas fundam um critério de verificação vinculado estreitamente as sensações? Seja qual for a resposta, o tema será abordado a partir das impressões extraídas das sensações que engendram representações no pensamento, não isoladamente, mas em harmonia com a sensação, a antecipação e os sentimentos.

A fim de elucidar o tema, nós recorreremos às informações de Diôgenes Laértios (X, 51):

“As apresentações que, por exemplo, são recebidas em pintura, ou vistas em sonhos ou por qualquer intuição da mente ou por outros critérios da verdade, não seriam jamais semelhantes às coisas que designamos como realmente existentes e verdadeiras se existissem certos termos concretos de comparação. Por outro lado, não haveria erro se não houvéssimos experimentado um certo movimento em nós mesmos, correlacionado com a percepção do que é apresentado, mas distinto dela; e desse movimento, se ele é confirmado ou não é contraditado, resulta a verdade”.

O aspecto mencionado por Laértios sobre a doutrina epicurista revela um caráter desmistificador, considerado delicado, pois trata da apreensão do conhecimento imediato dos fenômenos. Por meio desta apreensão, o epicurismo reivindica a capacidade humana de elaborar juízos, mesmo que posteriormente eles precisem de verificação. O fato é que Epicuro põe o homem como sujeito do mundo, capaz de filosofar por si mesmo, a partir das manifestações da natureza.

Cabe salientar que a canônica epicurista serve de propedêutica ao filosofar sobre a física. Esta, por seu turno, tende a corroborar, tal como a canônica para o exercício da ética, mais precisamente para uma prática de vida pautada pela filosofia, conforme os ditames da natureza humana.

2.3) Da física epicurista

Para a compreensão do filosofar epicurista, a física abrange um segundo estágio, associado com a canônica.

De acordo com Abbagnano (1999, p. 462), o termo grego *physica* significa a “*disciplina que tem por objetivo o estudo da natureza*”. A física epicurista enfatiza o filosofar sobre a natureza, como forma de entender os princípios constituintes do que existe no universo.

Na concepção epicurista, a relação homem-natureza destaca os âmbitos do *microcosmo*, representada pelo homem, e do *macrocosmo*, concebida pela natureza. Enquanto o homem prescinde da natureza, a natureza, ao contrário, não prescinde do homem. Disso deduz-se que, na ordem do mundo, a natureza engendra as coisas, independe do temperamento, da reflexão e da ação humana.

Em Epicuro, o pensamento sobre a natureza não pode ser diferente da percepção sensível e imediatamente dada entre o homem e o mundo. Por isso, a inferência de que o raciocínio participa das experiências, de tal forma que transforma-se, também em uma experiência. Entretanto, trata-se de uma experiência cognitiva representativa que é livre para sistematizar, mas não para criar por si mesmo pensamentos puros. Para compreender o processo, podemos propor a questão: os sentidos engendram os pensamentos ou são os pensamentos que produzem a sensibilidade dos sentidos?

Em Epicuro, constatamos que os pensamentos são concebidos como produtos da sensibilidade, sendo considerados, portanto, como projeções das experiências sensíveis. No caso dos pensamentos que causam prazer, dor ou terror, Epicuro esclarece que essas experiências tratam-se de simulacros oriundos da própria experiência.

Sobre esse estudo, Epicuro dedica algumas máximas e duas de suas cartas, as dedicadas a Pítocles e a Heródotos. Na endereçada ao seu discípulo Pítocles, Epicuro explica sobre os fenômenos celestes, de maneira a evidenciar que os corpos celestes e os corpos terrestres são ambos compostos de átomos e vazio. Expõe que, ao contrário do que as mentes fracas possam pensar, sua origem não advém das divindades, uma vez que considera que elas são independentes de qualquer ação divina. Na *Carta a Heródotos*, o mestre do jardim aborda detidamente o assunto, apresentando os

princípios e o objetivo do estudo da natureza. A fim de compreendermos o assunto, verificaremos como Epicuro fundamenta teoricamente sua concepção de natureza.

Para os gregos antigos, a “natureza” (*phýsis*) era considerada como um organismo vivo. Tales de Mileto, o primeiro que se tem registro, compreendia a natureza como um cosmos que tinha como essência o úmido.¹⁸ Ao longo da Antiguidade, outros pensadores instituíram novos conceitos e, por conseguinte, outras concepções. Dentre os pré-socráticos, destacamos a teoria dos átomos, legadas por Leucipo e Demócrito de Abdera.

Por evidência, é inegável a influência da teoria atômica de Leucipo e Demócrito sobre o pensamento epicurista. É sobre as bases democritiana que Epicuro desenvolve a sua concepção acerca da física. No entanto, Epicuro não adota cegamente a teoria atômica de Demócrito, ao contrário, pondera, critica e reformula o atomismo a partir dos princípios dados por Leucipo e Demócrito¹⁹. A física de Epicuro, portanto, tem como referência a concepção (leucipiana e) democritiana de átomo e vazio, o que implica dizer que a abordagem epicurista apresenta um forte caráter materialista.

Para melhor esclarecer a influência de Demócrito no pensamento epicurista, é preciso salientar a relação do pensamento democritiano sobre o epicurista²⁰, no que tange as sensações. Para Demócrito, as sensações das coisas não passam de mera convenção, conforme entendimento do fragmento 125: “Por convenção há cor, por convenção há o doce, por convenção há o amargo, mas *na realidade os átomos e o vazio*, imagina os sentidos respondendo à inteligência: Pobre inteligência, em nós encontras as provas e nos derrubas! Para ti derrubar-nos é cair”. (Pensadores, p. 282). No fragmento 9, encontra-se a seguinte observação: “Nós, porém, realmente nada de preciso apreendemos, mas em mudança, segundo a disposição do corpo e das coisas (dos átomos) que nele penetram e chocam”. (p. 266).

¹⁸ Cf. Frag. 3, p. 23 da obra *Os filósofos pré-socráticos*, organizado por Gerd A. Bornheim.

¹⁹ É possível que Epicuro tenha granjeado para si a teoria dos átomos de Leucipo e Demócrito, mas isso é muito delicado. Se compararmos o que temos de Leucipo, Demócrito e Epicuro verificaremos que o que há em comum entre eles é tão somente o princípio de que “O todo é constituído de átomos e vazio”, no mais ocorre novas visões, com nuances por vezes muito sutis, mas o fato é que há abordagens e leituras marcadamente democritianas e marcadamente epicuristas.

²⁰ Não nos preocuparemos em comparar a filosofia da natureza de Demócrito com a de Epicuro, somente nos deteremos aquilo que for pertinente para a compreensão do filosofar epicurista.

Nesse e em outros pontos, observamos que Epicuro se distancia mais que se aproxima do pensamento de Demócrito. A contribuição efetiva da filosofia de Demócrito sobre a de Epicuro reside na ideia de que “o todo é átomo e vazio”.

No que diz respeito à ética, Demócrito e Epicuro apresentam alguns aspectos em comum com a ética epicurista. É preciso salientar que os fragmentos de Demócrito se perderam quase em sua totalidade e os de Leucipo só se tem notícia de palavras soltas e de um fragmento. Da teoria de ambos, nós temos apenas registros doxográficos que revelam um pouco mais de cada autor. Daí a dificuldade em comparar os dois pensadores. Mesmo assim, os fragmentos e a doxografia existente nos ajuda a entender melhor a inter-relação do filosofar dos respectivos pensadores e a possível influência de um sobre o outro.

Sobre o princípio atômico, verificamos pelo registro de Diôgenes Laértios (IX, 31), que: “Lêucipos afirma que o todo é infinito e é em parte cheio e em parte vazio, e a estes ele dá o nome de elementos”. No que se refere às opiniões de Demócrito, Laértios expõe: “Os primeiros princípios do universo são os átomos e o vazio; tudo mais apenas se pensa que existe”. E sobre a visão de Epicuro, Diôgenes Laértios (X, 39) registra: “[...] o todo é constituído de corpos e vazio”. Com base no registro teórico dos três pensadores, podemos verificar há unanimidade no que se refere a dois princípios: primeiro que o todo é constituído de átomos e vazio; segundo que nada existe que não seja átomos e vazio.

Sobre as qualidades dos elementos, Aristóteles, na obra *Da Geração e Corrupção* (I, 8. 326 a 9 - DK 68 a 60) expõe: “Demócrito diz, na verdade, que cada um dos elementos indivisíveis é tanto pesado quanto maior”. Se confiarmos nas informações de Aristóteles, podemos discordar dos autores que afirmam que Epicuro inova a teoria atômica, ao acrescentar a qualidade de peso.

A partir de Epicuro, o olhar sobre a natureza ganha nova perspectiva, rompendo com a tradição que via os fenômenos da natureza pelas sendas da mitologia. Nessa perspectiva, Epicuro inova o olhar humano sobre a natureza.

A física epicurista marca uma ruptura explícita na tradição grega, quando propõe livrar os homens dos seus medos infundados. Essa nova concepção concebe a

natureza como um ser que tem vida, mas que não é considerada uma divindade. A natureza seria composta por agregados de átomos que se movimentam no vazio.

Conforme Diôgenes Laértios (X, 38, 39), a premissa principal do pensamento atomístico e que Epicuro toma para estabelecer seus pressupostos filosóficos são: “Em primeiro lugar, (a conjectura que) nada nasce do não-ser”. Isso implica que os princípios de todas as coisas são primordialmente materiais. Depois, Laértios (X, 40) complementa: “Entretanto o todo sempre foi exatamente como é agora, e sempre será assim [...], o todo é constituído de corpos e vazio [...]”. Novamente a referência de Laértios (X, 41) de que os “[...] elementos são os átomos, indivisíveis e imutáveis [...]” mostram que a composição dos átomos permanece intacta, resistindo assim a qualquer eventual dissolução. Por essa razão, o princípio das coisas é considerado indivisível e de natureza corpórea, explicando com isso a atribuição materialista.

Além disso, os átomos, responsáveis pela formação e dissolução dos compostos, são considerados impenetráveis e com uma variedade infinita de figuras, o que explicaria a existência das diversas formas e compostos no mundo.

A referência de Laértios (X, 43 e 44) de que os átomos movimentam-se continuamente por toda a eternidade e que tanto o átomo quanto o vazio existem eternamente, explica porque no processo de agregação e desagregação constante, não ocorre a dissolução definitiva das coisas.

Quanto a variedade de figuras encontradas na teoria de Epicuro, em regra geral ele segue a teoria atomista. No que se refere à qualidade das sensações, Epicuro discorda de Demócrito de que sejam meras convenções, concebendo-as, sobretudo, como critério de verdade do conhecimento.

Sobre o tamanho dos átomos, Epicuro discorda de Demócrito de que eles são de todos os tamanhos. Ele argumenta que, se assim fosse, alguns deles seriam visíveis a olho nu.

Apesar das diferenças, alguns autores observam que as semelhanças entre o atomismo e o epicurismo são tantas que eles alegam que Epicuro se apropriou inteiramente da teoria atomista. No entanto, pela leitura dos registros, observamos que

essa inferência não corresponde a verdade, uma vez que o epicurismo introduz elementos novos na concepção sobre os átomos e o vazio. Epicuro não nega a influência de Demócrito, mas em seu filosofar procura explicar o mundo a partir de uma perspectiva objetiva.

O objetivo da física epicurista é libertar os homens dos pesados fardos dos temores relacionados ao divino e ao término da vida. Segundo Laêrtios (X, 37), os epicuristas estudavam a natureza como o “[...] propósito de proporcionar uma tal calma e serenidade quanto as manifestações da natureza de tal modo a concorrer para uma vida feliz”. Depois acrescenta (X, 142, Máxima principal XI) que: “Se não nos perturbássemos com nossas dúvidas a respeito dos fenômenos celestes, e se não receássemos que a morte significasse alguma coisa para nós, e também não nos perturbássemos com nossa incapacidade de discernir os limites dos sofrimentos e desejos, não teríamos necessidade da ciência da natureza”. Com isso, podemos inferir que o propósito do estudo da física ou ciência da natureza consiste em tornar os fenômenos naturais racionais, suscetíveis de explicação e compreensão pelos homens.

Somente por meio da compreensão dos fenômenos da natureza, os homens poderiam se libertar dos seus temores, sobretudo dos que não existem. Epicuro se esforça para oferecer explicações sobre a natureza, como forma de aplacar o receio humano de os deuses podem interferir em suas vidas. Portanto, a física serve para esclarecer os fenômenos naturais aos homens, fornecendo-lhes elementos para discernir por si mesmos sobre a plausibilidade dos fenômenos naturais, assim como dos limites dos sofrimentos e dos desejos.

No entanto, Epicuro adverte, na *Sentença Vaticana 45*, que: “A ciência da natureza não torna os homens assíduos no possuir ou falar, nem mesmo os homens que se vangloriam da sua educação, que é invejado pelas massas populares; mas está livre de arrogância e auto-suficiência os homens que se ocupam de seus próprios bens, e não aqueles do mundo”. A partir disso, podemos inferir que o estudo da natureza tem o firme propósito de garantir ao homem sua autonomia em relação às manifestações naturais. Além disso, Epicuro exorta ao cuidado com os próprios bens, uma vez que

eles poderiam fornecer os recursos para a prática de uma vida justa, sem medo e sem imperturbabilidade da alma, o que implicaria para ele em uma vida feliz.

Daí a pertinência de cuidar dos próprios bens, ao invés de se desgastar com os bens próprios da polis. Dado o exposto, Epicuro adverte que a auto-suficiência depende de uma compreensão das coisas existentes na natureza. Em sua concepção, a companhia de homens não impede os medos, se o homem não compreender como eles são formados.

Em suma, o estudo da física é imprescindível para o sujeito que almeja uma vida sem medos dos fenômenos da natureza ou qualquer outra coisa de ordem superior e despótica. Para reiterar o exposto, mencionamos a *Máxima XII* (DL, X, 143) que destaca a importância do conhecimento da física para uma vida prazerosa e feliz: “Quem desconhece a natureza do todo, mas sente um temor cheio de dúvidas por causa de alguns mitos, não consegue livrar-se do medo em assuntos extremamente importantes. Sendo assim, sem o estudo científico da natureza não seria possível fruir os prazeres em sua pureza”.

No sentido trabalhado, constatamos a importância tanto da canônica para o empreendimento da física, quanto de ambas e principalmente da física para a empresa dos estudos e práticas éticas.

2.4) Da ética epicurista

Em grego, o termo *ethos* (com eta) possui os significados de “*morada, estância, residência/ uso, costumes/ maneiras de ser, carácter.*” Em sua forma adjetivada, *ethikós* apresenta os sentidos de “relativo aos costumes, moral/ relativo aos costumes da oratória, ético.” (Isidro Pereira, 1990, p. 256).

Abbagnano (1999, p. 380) expõe o sentido geral de **ética** como “ciência da conduta”, dividida em duas concepções: “[...] *Primeiro a que a considera como ciência do fim (teleológica), para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim; segundo a que a considera como ciência do móvel (prazer) da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa*

conduta". A primeira asserção implica que o objetivo da conduta humana é o estado de felicidade atingida por uma prática racionalizada; ao passo que a segunda privilegia o móvel, isto é, o prazer agradável ao agir humano.

Dado os possíveis significados da ética em geral e suas concepções fundamentais, verificamos em que sentido a ética epicurista perpassa, em seus procedimentos, as duas asserções mencionadas acima. Um dos aspectos encontrados na doxografia sobre Epicuro é que a sua ética relaciona-se com a capacidade racional de escolher ou rejeitar tanto o prazer quanto a dor.

Pelos estudos realizados, observamos que o filosofar epicurista, embora apresente aspectos temáticos de várias ordens, aspira, tal como a correnteza tende a desaguar no oceano, para a questão de como viver bem. Assim, todo o esforço filosófico contido na canônica e na física visa assegurar o conhecimento e a prática de um modo de vida ético.

Desse modo, o filosofar epicurista preocupa-se em esclarecer como proceder bem, tendo em vista uma vida prazerosa e feliz. Com isso, é possível deduzir que o filosofar epicurista encontra seu ponto nevrálgico na ética, enquanto estudo do modo de ser humano no mundo.

Em Diôgenes Laêrtios (X, 34), encontra-se a informação de que os epicuristas consideravam a manifestação do prazer como condizente com a natureza, e a dor como algo contrário. Por ser conforme a natureza, o prazer deveria ser escolhido e a dor rejeitada. Pela passagem de Laêrtios, fica evidente que o conhecimento tem o propósito de ajudar o homem a agir em harmonia com a natureza. Para tal, é preciso que ele aprenda a distinguir entre os prazeres que promovem a tranquilidade e os que resultam em perturbação e sofrimento.

Em uma passagem registrada por Laêrtios (II, 88-89), encontra-se a concepção de Aristipo de Cirene sobre a relação do "prazer" com o "bem supremo" e a "felicidade":

"O prazer [...] é desejável por si mesmo, ao passo que a felicidade é desejável [...] por causa dos prazeres isolados. A prova de que o prazer é o bem supremo está no fato de desde a infância sermos atraídos instintivamente para o prazer e, quando o obtemos, nada mais procurarmos, e evitarmos tanto quanto

possível o seu oposto, a dor. (89) A remoção da dor defendida por Epicuro, (ao contrário), para os cirenaicos não é um prazer, nem tampouco a ausência de prazer é dor. Com efeito, prazer e dor são movimentos. Além disso, [...] Epicuro defende que o prazer pode decorrer da recordação ou da expectativa de bens, coisa inconcebível para os cirenaicos”.

Diôgenes Laértios, ao expor as ideias de Aristipo de Cirene, pontua as principais diferenças entre os cirenaicos e os epicuristas. Enquanto para os cirenaicos o prazer e a dor são concebidos como “*movimento*”, para os epicuristas, o prazer é buscado não pelo próprio prazer, mas pela harmonia com a natureza, sendo admitido, portanto, um prazer em *repouso*, equilibrado e estável. Com isso, os epicuristas consideram como feliz o homem que não sofre nenhuma dor e que goza a satisfação tanto no corpo quanto na alma.

Da perspectiva de felicidade de Epicuro desenvolve-se a concepção ética do epicurismo a pesar de ser baseado no atomismo tem traços utilitaristas de caráter humanístico e objetiva tornar os homens melhores, ou melhor, objetiva que os homens se tornem melhores. Para tanto, Epicuro sustenta a sua ética nos conhecimentos sensíveis inteligíveis pela canônica e pela física que dão bases para o conhecimento dos prazeres, dos limites dos desejos e da vida sábia, isto é, dos conhecimentos éticos.

Todo o filosofar epicurista constitui uma exortação à ética, uma vez que Epicuro se preocupa em elaborar instrumentos que viabilizem o proceder ético-filosófico. A canônica mostra que é possível conhecer as manifestações naturais, e a física explica os fenômenos naturais, baseado nos conhecimentos de suas manifestações. Somente por meio dos conhecimentos fornecidos pela canônica, física e ética, o homem tem condições para adotar uma prática de vida destemida, autárquica e, principalmente, sábia e feliz.

Com base no exposto, deduzimos que toda teoria epicurista objetiva uma ética que represente o ápice do conhecimento dos filósofos do jardim.

A ética epicurista configura-se por meio de princípios e procedimentos. Os princípios consistem na capacidade sensível-racional de escolher ou rejeitar o prazer e a dor. Os procedimentos são classificados em quatro tipos: primeiro, que não é preciso temer os deuses; segundo, que não é preciso temer a morte; terceiro, que ser feliz é

possível; quarto, que as dores são suportáveis.²¹ Os princípios e os procedimentos, em conjunto, formam a base da filosofia e da prática de vida dos filósofos do jardim.

Segundo Sêneca, na *Carta a Lucílio* (Livro II, Carta 21, (10), p. 77), encontrava-se na entrada da escola de Epicuro a seguinte inscrição: “Visitante, terás aqui uma agradável estadia, pois aqui o bem supremo é o prazer.” Essa inscrição expressa o princípio da ética epicurista, onde os preceitos instituídos por Epicuro, na forma de regras e práticas de vida, visam à conquista da “felicidade” (eudaimonía).

²¹ Referente ao *tetraphármakon*, esculpido no muro da cidade de Enoanda, por Diôgenes de Enoanda.

Capítulo 3 - A importância da Filosofia para uma vida prazerosa e feliz

Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para a saúde da alma. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora da felicidade ainda não chegou ou já passou; devemos, portanto, filosofar na juventude e na velhice para que enquanto envelhecemos continuemos a ser jovens nas boas coisas mediante a agradável recordação do passado, e para que ainda jovens sejamos ao mesmo tempo velhos, graças ao destemor diante do porvir. (Laértios, X, (122), 2009, p. 311).

O trecho acima constitui as primeiras palavras de Epicuro a Meneceu, exortando-o a prática da filosofia em todos os momentos da vida, desde a tenra idade até o limiar da velhice. Segundo Epicuro, a filosofia constituiria uma excelente aliada do homem, porque o ajudaria a compreender os obstáculos e os temores da juventude e a enfrentar com dignidade as dificuldades da velhice.

Epicuro, fiel aos seus ensinamentos, adota a prática filosófica em todos os momentos da existência, mesmo em períodos em que a distância geográfica força o afastamento físico entre mestre e discípulo. As cartas a Meneceu, a Heródoto e a Pítocles confirmam a informação encontrada em Diôgenes Laértios (X) quanto a continuação do aprendizado filosófico, mesmo em períodos de viagens ou deslocamentos para outras localidades. Essa prática foi adotada por outros, dentre eles podemos citar a correspondência efetiva entre Sêneca e o epicurista Lucílio,²² no séc. I d. C.

Devido ao teor da carta de *Epicuro a Meneceu*, a exortação à prática da filosofia para a obtenção de uma vida feliz, ficou conhecida historicamente como *Carta sobre a felicidade* e que Diôgenes Laértios, (X, 29) diz “[...] tratar das concepções sobre a vida humana”. Em breves palavras, próprias de uma epístola, o filósofo expõe os anseios e os temores que atuam como entraves a tão almejada felicidade humana. O desejo universal de uma vida feliz encontra obstáculo a sua realização, dentre eles constam os vários temores encontrados durante a existência humana, sejam gerados pelos perigos naturais ou pelos criados pela imaginação humana. Os temores em suas diferentes

²² Lucílio era discípulo do epicurismo e mantinha contato com o estoicismo. Mais precisamente, ele trocava correspondência com Sêneca. Cf. SÊNECA, Aneu Lúcio. *Cartas a Lucílio*.

modalidades são considerados por Epicuro como inimigos vorazes que podem desviar os homens dos seus propósitos, inclusive o de uma vida feliz.

Em linhas gerais, as primeiras palavras de Epicuro exortam Meneceu ao filosofar sobre a condição humana, seus limites e suas possibilidades de uma vida feliz. Em sua concepção, a filosofia significa tanto um conhecimento capaz de ajudar o homem a compreender e enfrentar os seus problemas relacionados à existência em suas várias fases, como constitui a construção de uma atitude diante da vida que deve ser cultivada desde a juventude até a velhice.

3.1) Convite à ética do viver em Epicuro

Na *Carta a Meneceu*, Epicuro aborda detidamente a ética do viver humano. Suas concepções são corroboradas em algumas máximas e fragmentos legados pela doxografia.

A ética para os epicuristas, de acordo com Laêrtios (X, 30), é denominada por eles como: “[...] ciência do que deve ser escolhido e rejeitado, e também dos modos de vida e do fim supremo”.

Para os epicuristas, o filosofar, constituído pelo *logismós*²³ e pela *phrónesis*,²⁴ possui a função de orientar a disposição humana para a sabedoria, especificamente para o bem escolher ou rejeitar os prazeres e as dores, que propiciam a “falta de sofrimento” (*aponía*) e a “tranquilidade” (*ataraxía*), condições necessárias à “felicidade” (*eudaimonía*).

A concepção epicurista de felicidade compreende a noção de prazer em repouso, estado almejado pelo sábio por meio da filosofia. Por isso, a exortação de Epicuro a Meneceu e aos outros discípulos da necessidade de filosofar. O filosofar implica raciocinar para uma sabedoria prática, o que configura, por conseguinte, um éthos do viver baseado no prazer.

²³ Segundo Peters (1983, p. 135), o termo *logismós* pode ser traduzido por “raciocínio, pensamento discursivo”. Cf. Diôgenes Laêrtios, X, 39; 75; 117; 130; 132; 144 Máx. XVI e XVIII; 145 Máx. XIX e XX.

²⁴ Peters (1983, p. 188) traduz *phrónesis* por “sabedoria, sabedoria prática, prudência”. Cf. Diôgenes Laêrtios, X, 132.

Considerando a importância da categoria “prazer” no entendimento da ética epicurista, convém seguir o conselho do próprio mestre do jardim,²⁵ e esclarecer os sentidos das palavras, no caso hedoné. Em vista a obtenção desse propósito, procuraremos compreender como os gregos antigos concebiam a noção de prazer.²⁶

3.2) Noção de prazer entre os gregos antigos

Entre os gregos antigos, o prazer é o que gera satisfação por meio dos sentidos, tal como é encontrado nos poemas de Homero e Hesíodo.

Segundo Bravo (2009), Homero utiliza o termo prazer basicamente em duas acepções: (a) como uma forma de satisfação pelo reconhecimento e pela memória dos feitos realizados nos campos de batalha; e (b) como satisfação nos banquetes sociais.

Em Hesíodo, com a valorização do trabalho e do esforço, o prazer é relegado a um segundo plano, sobretudo nos momentos de relaxamento após a realização de um árduo trabalho. Nesses momentos, são permitidos a satisfação da boa música e a apresentação dos aedos e rapsodos. Com isso, podemos perceber que, tanto em Homero como em Hesíodo, as ações são realizadas visando alguma forma de prazer, conforme a característica de cada grupo.

Mas, os prazeres acima mencionados, apesar de serem almejados e desejados por todos, são acessíveis somente a alguns, ou seja, aos que são considerados os melhores, uns dos méritos bélicos, outros na dedicação laboral.

Na cultura clássica, as modalidades de prazer entre os gregos adquirem uma maior abrangência, incluindo os prazeres de mérito guerreiro, as recompensas do trabalho, a sofisticação e a riqueza nos banquetes, o contentamento musical e os cantos poéticos. Além desses prazeres, são acrescentados os relatos e as discussões da ordem filosófica, retórica, dentre outros.

²⁵ Diôgenes Laértios, X, 37.

²⁶ A referência para a breve reflexão encontra-se na obra de Francisco Bravo: “As ambiguidades do prazer: ensaio sobre o prazer na filosofia de Platão, publicado pela Paulus, em 2009.

Quanto aos temas nos banquetes, o seu desenvolvimento surgiu como reflexo das mudanças sociais, ocorridas ao longo dos anos na cultura grega. Com isso, aparece no cenário filosófico a ideia de prazer com o sentido de equilíbrio, justo meio, justa medida. A partir de alguns pré-socráticos, entre os séculos V e IV a.C., o prazer passou a constar como problema de interesse filosófico.

3.3) Sentido epicurista de *hedoné*

Na época de Epicuro, a temática do prazer não constituía novidade, mas com o mestre do jardim adquire uma significação diferenciada. Para compreendermos o sentido epicurista de *hedoné*, precisamos conhecer quais os significados atribuídos ao termo pelos gregos.

Em grego, o termo *hedoné* apresenta os sentidos de “*prazer, gosto/ gozo/ paixão*”. Quando o vocábulo aparece no plural ele adquire a significação de “*desejos*”. (Isidro Pereira, 1990, p. 255). Geralmente alguns autores utilizam a palavra prazer ou contraposta ou relacionada com a dor.

No dicionário de Abbagnano encontra-se o conceito de *prazer* relacionado ao de dor e as diferentes formas de “emoção.”²⁷

Baseado nas noções de prazer e dor então correntes, Epicuro acrescenta ao termo a concepção de que ele não é igual, nem relacionado ou mesmo paralelo ao de dor. Epicuro institui uma oposição natural entre ambos, de modo que o prazer passa a ser considerado um estado natural, enquanto a dor um estado não natural. Em sua concepção, o natural é o prazer superar a dor e, na justa medida, corroborar a felicidade. Com isso, Epicuro estabelece uma estreita relação entre os conceitos de prazer e felicidade.

Dessa feita, Epicuro imprime uma nova concepção de prazer, enquanto estado natural de completude e bem estar, isto é, o de “prazer equilibrado/calmo” (*hedoné katastematikós*), expresso também pelos termos “falta de sofrimento” (*aponía*) e “tranquilidade” (*ataraxía*). Com isso, observa-se uma mudança no sentido de prazer

²⁷ Abbagnano, *Dicionário de filosofia*, pp. 786-787.

atribuído pelos cineráticos de “prazer em movimento”. Para Epicuro, algo não é prazeroso se não for vivido com ausência de dor física e ausência de perturbação psíquica.

A partir desse entendimento, Epicuro ensina que é no prazer que se encontra o ponto de partida e de chegada de uma vida feliz. Ele via no prazer “o começo e o fim da vida feliz” (Us. 23). Mas, como é sabido, o prazer é um estado que consiste na capacidade de bem escolher ou rejeitar o prazer, se o mesmo resultar em alguma forma de sofrimento. Para tanto cabe verificar a relevância da filosofia, segundo Epicuro, para uma vida prazerosa e feliz.

3.4) Importância da Filosofia para uma vida prazerosa e feliz

A partir das cartas escritas por Epicuro, verifica-se que o objetivo de seu filosofar visa, sobretudo, alcançar a “felicidade” (eudaimonía).

Na epistola destinada a Heródotos (Laêrtios, X, 37), Epicuro ressalta a importância dos estudos dos fenômenos naturais, com a finalidade de acalmar os homens. Na destinada a Pítocles (X, 85; 87), ele reitera que o conhecimento dos fenômenos objetiva assegurar a paz de espírito, para que o homem possa viver sem perturbação. Por sua vez, na destinada a Meneceu (X, 122), ele exorta ao estudo filosófico, com a observação da necessidade de “[...] meditar sobre tudo que possa proporcionar a felicidades para que, se a temos, tenhamos tudo, e se não a temos, façamos tudo para tê-la.” A partir disso, é possível deduzir que o objetivo principal do filosofar epicurista é a eudaimonía. Com vistas à eudaimonía, Epicuro investiga o prazer enquanto equilíbrio físico e psíquico.

Para atingir a felicidade almejada, é preciso recorrer ao meio indicado por Epicuro: o filosofar. Para o pensador, é por meio da Filosofia que o homem torna-se sábio e, com isso, pode conquistar “[...] *uma vida agradável, não por excessos ou requinte, mas por um cálculo sóbrio que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e elimine as opiniões vãs por obra das quais um intenso tumulto se*

apossa da alma.” (Laêrtios, X, 132). Portanto, o homem ao torna-se sábio e conquistar uma vida feliz, poder ser comparado “[...] *como um deus imortal entre mortais.*”²⁸

Devido a influência de Demócrito sobre o pensamento de Epicuro, passemos a compreensão do sentido de prazer democrático.

Demócrito, segundo Diôgenes Laêrtios (X, 45, p. 262), concebe que o fim supremo é “[...] é a serenidade da alma, que não é idêntica ao prazer, [...], mas é a condição constante da calma e do equilíbrio da alma, não perturbada pelo medo, nem pela superstição, nem por outras emoções.” A primeira diferença que podemos salientar é que enquanto Demócrito dissocia o fim supremo do prazer, Epicuro relaciona o fim supremo com a vida prazerosa e feliz. A segunda é que eles concordam quanto a importância da serenidade da alma na vida dos homens. A terceira é que eles discordam quanto a relação entre a serenidade da alma e o estado de prazer.

A serenidade da alma (*ataraxía*), como condição de uma vida prazerosa e feliz, é encontrada nos estudos da canônica, da física e da ética.²⁹

Peters (1983, p. 42) atribui ao termo *ataraxía* os sentidos de “*sem perturbação, equilíbrio, tranquilidade da alma.*” Em Epicuro, a *ataraxía* é considerada um estado de prazer tranquilo (*katastematicós*). Além da *ataraxía*, Epicuro indica também a *aponía* (falta de sofrimento). Somente quanto o homem não apresenta dor no corpo e temor na alma ele dispõe das condições necessárias a uma vida feliz.

Segundo Peters (1983, § 9, p. 98), Epicuro identifica além dos prazeres em movimento, outro tipo considerado como “[...] mais puro além do correctivo “preenchimento” de uma necessidade física que está, afinal, subtilmente misturada com a dor. Este prazer mais puro não é então o prazer cinético da *anaplerosis*, mas o prazer estático (*katastematike*) do equilíbrio, a ausência de dor (*algos*) do corpo (*aponía*) e a ausência de perturbação da alma (*ataraxía*).” Essa informação pode ser encontrada nos passos 131-136, do livro X, da obra de Diôgenes Laêrtios.³⁰

²⁸ Diôgenes Laêrtios, X, 135, p. 314.

²⁹ Cf. Livro X da obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, de Diôgenes Laêrtios.

³⁰ Diôgenes Laêrtios, X, (131) “o prazer é a realização da felicidade [...]; por prazer entendemos a ausência de sofrimento no corpo e a ausência de perturbação na alma.” (136) “A tranquilidade perfeita e

Desse modo, podemos dizer que Epicuro se destaca da concepção cirenaica, que concebe o prazer como o fim de toda ação e isolado quanto a noção de felicidade. O prazer pelo prazer cirenaico não é compatível com o prazer pela sabedoria epicurista. Para Epicuro, conforme registro de Laértios (X, 131), o prazer consiste na “[...] realização suprema da felicidade, não pretendemos relacioná-lo com a voluptuosidade dos dissolutos e com os gozos sensuais, como querem algumas pessoas por ignorância, preconceito ou má compreensão; por prazer entendemos a ausência de sofrimento no corpo e a ausência de perturbação na alma.”

Essa citação explicita a concepção epicurista de que o prazer é considerado um bem supremo, mas não um fim em si mesmo, mas com vistas à felicidade.³¹ O estado de felicidade pode ser alcançado tanto pelo prazer em movimento (cinético) quanto pelo prazer em não-movimento (katastematicós).

3.5) Perspectiva epicurista de uma vida prazerosa e feliz como enfrentamento dos temores humanos

“O essencial para a nossa felicidade é a nossa condição íntima, da qual somos donos” (Ullmann, p. 77 apud, Us. Frag. 109).

Segundo Epicuro, a Filosofia pode ser administrada como um *phármakon*, como forma de alcançar uma vida feliz. Mas como é da ordem filosófica sua prática – como diz Marx³² – “é em si mesma teórica.” Concepção essa que podemos inferir também em Epicuro, tal como Cornford (1989, p. 17-18) comenta acerca do que Epicuro concebia teoricamente por Filosofia em suas cartas e máximas:

[...] uma atividade prática que tinha por fim alcançar, através da palavra e do raciocínio, uma vida feliz, libertando os homens dos dois grandes

a ausência completa de sofrimento são prazeres estáticos; a alegria e o deleite são prazeres em movimento enquanto vistos em sua atividade.” Cf. Diôgenes Laértios, X, 36-128.

³¹ Cf. Diôgenes Laértios, X, 136-137.

³² MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. Tradução de Edson Bini e Armandina Venâncio. - São Paulo: Global, s/ano, p. 30.

terrores que podiam perturbar as suas vidas – o medo da interferência arbitrária dos deuses no mundo e o receio do castigo da alma depois da morte.

Mediante a concepção epicurista inferida por Cornford, entendemos que o filosofar de Epicuro se distingue, sobretudo, pelo fato de ser uma prática filosófica de vida que vislumbra a vida como momento de ser feliz, ao invés de ser mera teorização. Assim, baseado na prática do filosofar, Epicuro expõe uma ética que procura livrar o homem do julgo dos deuses e das credices absurdas. Trata-se de uma ética que auxilia no resgate para o homem, de sua “humanidade” enquanto ser de razão, capaz de ser feliz por si mesmo por meio da Filosofia.

Ora, para que os homens gozem de uma vida prazerosa e feliz, é preciso conforme Epicuro, enfrentar os temores e as dores. Para isso, é importante destacar a importância de Diôgenes de Enoanda,³³ que mandou inscrever no muro de sua cidade os preceitos epicuristas para o combate e a cura aos temores e as dores humanas. Graças a iniciativa de Diôgenes de Enoanda, a posteridade teve acesso conheceu o denominado *tetraphármakon*.

O *tetraphármakon*³⁴ consiste numa síntese do filosofar epicurista, composta de quatro premissas com a finalidade de curar os homens dos temores e das dores. Os quatro remédios são os seguintes:

- Não há nada a temer em relação aos deuses;
- Não há nada a temer em relação à morte;
- O prazer é de fácil aquisição;
- A dor é possível de ser suportada.³⁵

³³ A cidade de Enoanda corresponde atualmente a Turquia, Além de Diôgenes de Enoanda, o epicurismo teve outros ilustres discípulos, tais como Lúcrécio e Filodemos de Gadara. Lúcrécio, dois séculos antes de Diôgenes de Enoanda e autor da obra “*De rerum natura*”, um clássico da literatura latina que poeticamente faz uma belíssima retomada do que possivelmente foi a obra “Da natureza” de Epicuro. Lúcrécio na respectiva obra exorta Epicuro como “a glória do povo grego” (De rerum natura, III, v. 3). Filodemos de Gadara que fixou estadia em Herculano onde criou uma biblioteca predominantemente epicurista, de onde, baseado em escavações os arqueólogos a batizaram como “Vila dos papiros” fazem parte dos epicuristas mais ilustres.

³⁴ O termo *phármakon* significa tanto “veneno” quanto “remédio.” O *phármakon* filosófico constitui o lógos terapêutico que não se preocupa em agradar o interlocutor, mas em orientá-lo para curar-se.

Podemos dizer que nas quatro premissas epicuristas estão assentados os preceitos filosóficos do epicurismo, que possibilitam aos homens a conquista de uma vida prazerosa e feliz.

Quanto aos deuses, a primeira sentença expõe que “não há nada a temer”. Este é um aspecto do pensamento epicurista que concentra todas as abordagens feitas até então. Segundo Epicuro, é o pensamento que rompe efetivamente com a ideia de que os deuses podem interferir nas ações humanas. Assim, Epicuro põe o homem como único responsável por suas escolhas, tanto as boas como as más. Sem preocupação com os deuses e conscientes de suas capacidades, os homens poderiam gozar de uma vida livre e feliz.

Sobre a primeira premissa de Diôgenes de Enoanda, constatamos uma correspondência com a Máxima I de Epicuro, encontrada em Diôgenes Laêrtios (X, 139): “O ser bem-aventurado e eterno não tem perturbações nem perturba outro ser; por isso é imune a movimentos de ira ou de gratidão, pois todo movimento desse tipo implica fraqueza.”³⁶ Com esta máxima, Epicuro adverte que os deuses não são o que o vulgo quer ou pensam que eles sejam, pois se assim fosse, eles não seriam deuses.³⁷ Segundo a lógica epicurista, os deuses não se preocupam, nem tramam intervenções nas coisas do mundo, posto que preocupar-se e agir em detrimento do conveniente para uns e inconveniente para outros não é compatível com o comportamento nem de um sábio nem de um deus.

Assim sendo, além de ser tolice temer aos deuses “é inútil querer que ele faça o que podemos fazer por nós mesmo”.³⁸ Efetivamente, Epicuro atribui ao próprio homem a responsabilidade pelo norte de sua vida, por meio de cada escolha ou cada rejeição. Segundo ele, o homem que sabe escolher, vive como sábio comparável a um deus.³⁹

Visto que *não há nada a temer em relação aos deuses*, o homem das pedras de Enoanda expõe: “*Não há nada a temer em relação à morte.*” É uma premissa forte e contundente, pois mexe com o imaginário e com a crença dos homens de um tempo

³⁵ Cf. Silva, Markus. *Epicuro: sabedoria e jardim*, 2003, p. 80.

³⁶ Cf. também *Sentenças Vaticanas*, 1.

³⁷ Cf. Carta a Meneceu, 123-124.

³⁸ Cf. Sentença Vaticana, 65.

³⁹ Cf. Carta a Meneceu, 135.

suscetível de credices. Assim como Epicuro identificou por onde passou, seu discípulo Diôgenes de Enoanda também o fez e como que um eco do mestre ousou dizer que a morte não deve ser temida, dado que não é sábio temer sobre o que é apenas um evento natural de desagregação dos átomos.

Sobre a morte, o sábio do jardim argumenta, com palavras adequadas e coerentes com a sua propositura atomística de que *tudo é átomo e vazio*, o que possibilita a Epicuro combater o terror da morte e assim exclamar, conforme Diôgenes Laêrtios, X, (Máxima II), 139): “A morte nada é para nós, pois o que se decompõe é insensível, e o que é insensível nada é para nós.”⁴⁰ Portanto, é evidente que a concepção epicurista não vislumbra outra vida senão a que vivemos sem nenhum tipo de perturbação. Certo disso, o mestre do jardim aconselha os seus discípulos: “[...] acostuma-te a crer que a morte nada é para nós. Efetivamente, todos os bens e males estão na sensação, e a morte é a privação das sensações” (Laêrtios, X, 124). Com este esclarecimento, fica evidente o pensamento de Epicuro e do epicurismo a cerca do temor da morte. Esse temor é irracional, pois, segundo Laêrtios, (X, 125): “[...] é insensato quem diz que teme a morte não porque sua presença pode causar sofrimento, mas porque sua perspectiva faz sofrer. [...] Então o mais pavoroso dos males - a morte - nada é para nós, pois enquanto existimos a morte não está presente, e quando a morte está presente já não existimos.”

Pelo trecho acima, verificamos que o argumento de Epicuro para refutar o temor da morte é condizente com seus preceitos éticos, uma vez que os homens livres do temor da morte podem viver a vida de maneira mais agradável e feliz. Haja vista que preocupar-se com o porvir é insensato, tal como “[...] é ridículo correr para a morte por aborrecimento à vida, quando é o tipo de vida assumido que provoca a vontade de correr para a morte.”⁴¹ Com essas palavras, Epicuro expõe as contradições em que o imaginário popular congrega em suas crenças. Pois, “[...] coisa mais ridícula é o desejo da morte, quando é o medo da morte que enche a vida de inquietação!”⁴²

⁴⁰ Cf. Sentença Vaticana, 2.

⁴¹ Sêneca. Cartas a Lucílio. (Livro III, Carta. 24, (22-3). Cf. Frag. Us. 496.

⁴² Idem. – (Livro III, Carta 24, (23). Cf. Frag. Us. 498.

Ora, se temos a oportunidade de ter nascido, porque arriscar o gozo de uma vida agradável com a preocupação do seu fim? Se procedêssemos dessa maneira, agiríamos como os tolos que deixam de viver o presente para imaginar uma vida futura ou mesmo uma vida após a morte. Mas a loucura que gera o temor é tão desmedida que os epicuristas a classificam como: “[...] insensatez, direi mesmo a loucura dos homens, que alguns há até que se suicidam... por medo de morrer!”⁴³ Assim é a vida ou a precipitação da vida dos homens que agem baseados em crenças descabidas, afastados, por conseguinte do filosofar, meio imprescindível para a administração do bem viver.

Se o homem conseguir obter a compreensão da natureza dos deuses e da morte, ele já está trilhando o caminho da sabedoria. Desse modo, o homem pode chegar à inferência de que o prazer bem administrado pode resultar em coisas boas. No entanto, como um *phármakon*, o prazer só atingirá os seus propósitos se for administrado na medida certa, conforme registro de Laêrtios: “A magnitude do prazer atinge seu limite na remoção de todo sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo, nem na alma, nem nos dois.”⁴⁴ Portanto, se for bem dosado, o prazer pode conduzir aos estados de *aponía* e *ataraxía*, indispensáveis a uma vida feliz.

Mas, apesar de o prazer ser considerado um bem supremo, se ele for usufruído sem conhecimento, ele poderá gerar toda sorte de males. Por isso, é preciso ter claro que “Nenhum prazer é um mal por si mesmo, porém aquilo que produz alguns prazeres traz perturbações muitas vezes maiores que os próprios prazeres.” (Laêrtios, X, (Máxima VIII), 141). Desse modo, é preciso buscar o prazer moderado que torne a vida livre de sofrimentos e perturbações. Para tanto, o homem “*Deve ser servo da **filosofia** se pretende obter a verdadeira liberdade.*”⁴⁵ Com isso, podemos inferir que o exercício da filosofia oferece condições para o homem escolher ou rejeitar os prazeres,

⁴³ Idem. – (Livro III, Carta 24, (23-4). Cf. Frag. Us. 497.

⁴⁴ Laêrtios, X, (Maxima III), 139.

⁴⁵ Sêneca. *Carta a Lucílio*. (Livro I, Carta 8 (7), p. 20). Cf. Frag. Us. 199.

distinguindo os naturais e necessários dos supérfluos e desnecessários. Segundo a Máxima XXI, somente o prazer inato e natural pode conduzir a uma vida feliz.⁴⁶

Por seu turno, o que é contrário ao bem estar natural, a *dor*, segundo Diôgenes de Enoanda, *é possível de ser suportada*. Mas como suportar o que agride o corpo, o que é sensivelmente degradante? Primeiramente, Epicuro repudia qualquer sofrimento por antecipação, por isso recomenda que elas sejam tratadas com sabedoria, para serem suportadas ou mesmo ignoradas.

Conforme Laértios (X, Máxima IV, 140), Epicuro considerava a dor como algo suportável, quando expõe que: “[...] quanto mais aguda é a dor menor é a sua duração, e também se por sua intensidade ela vence o prazer, não dura muitos dias na carne. As doenças prolongadas permitem até uma preponderância do prazer sobre o sofrimento carnal.” Essa máxima reflete um saber prático de Epicuro, pois, ele experimentou a dor em seus graus mais intensos e deu exemplo de que, na prática, a dor é suportável. Essa atitude de Epicuro pode ser encontrada na Carta a Idomeneu, preservada por Diôgenes Laértios (X, 22):

Neste dia feliz, que é também o último dia de minha vida escrevo-te esta carta. As dores contínuas resultantes da estrangúria e da disenteria são tão fortes que nada pode aumentá-las. Minha alma, entretanto, resiste a todos esses males, alegre ao relembrar os nossos colóquios passados. Cuida dos filhos de Metrodôros, de maneira compatível com a generosa disposição espiritual que desde jovem mostrastes em relação a mim e á filosofia.

As circunstâncias descritas acima revelam algumas situações que resumem de certa forma o pensamento epicurista. No primeiro ponto ele faz referência a iminência da morte, considerando esse dia como feliz. Ora, se para o sábio a vida não é desprezível, também a morte não o seria. O sábio mostra serenidade, pois entende que a morte não é nada para o homem. Mais adiante, Epicuro salienta que sofre dores terríveis no corpo e ressalta que a sua alma suporta as dores pelo recurso da vivamemória dos diálogos travados com Idomeneu.

⁴⁶ Cf. Laértios, X, (Máxima XXI), 146.

Dessa maneira, Epicuro demonstra que efetivamente a dor pode ser suportada. Para tanto, o sábio do jardim recorre à memória como *phármakon* para manter-se impassível diante das vicissitudes físicas.

Como o corpo pode sofrer no presente e a alma no passado, no presente e no futuro, o sábio propõe o recurso as boas lembranças, como forma de atenuar as sensações e suportar assim as dores físicas.

Em Epicuro, a memória é considerada como portadora de um discurso filosófico capaz de tornar viva melhor por meio da lembrança das boas idéias, dos bons momentos e de todas as experiências que constituem a vida prazerosa e feliz.

Sobre a importância da memória na ética epicurista, Pessanha (1992) destaca o seguinte: “[...] lembranças de lições, recordação de conversas, ou seja, manutenção de um fluxo permanente de palavras portadoras da verdade sobre a “natureza das coisas” e sustentadoras da vida sábia, imperturbável.”⁴⁷

Assim sendo, Epicuro que sofria de cálculos renais, refletiu sobre o viver humano em todos os seus aspectos, como forma de garantir uma vida prazerosa e feliz, apesar das vicissitudes da vida.

“Epicuro morreu em consequência de cálculos renais, depois de passar quatorze dias enfermo, como diz Hêrmacos nas Epístolas. Hêrmacos registra um detalhe, segundo o qual Epicuro, entrando numa tina de bronze cheia de água quente pediu vinho e o bebeu avidamente, e depois de recomendar aos amigos que se lembrassem de sua doutrina expirou.” (Diôgenes Laértios, X, 15-16).

⁴⁷ In: Ética. Aduato Novaes (org.), 1992, p. 63

Considerações

Considerando os anseios dos homens de uma vida feliz, Epicuro desenvolve uma concepção acerca da vida, como forma de enfrentamento do período conturbado em que vivenciava sua época. Como resposta ao cenário histórico-político da Grécia, o pensador se empenha em propor alternativas para libertar os homens dos seus temores, ou seja, das amarras que comprometiam a finalidade da existência: ser feliz.

Entretanto, conquistar esse estado de vida requer mais que uma opção de vida, carece de um *éthos* filosófico. Em vista desse *éthos*, o filósofo do jardim engendra um modo distinto de filosofar, justificado a partir do momento em que se coloca a questão essencialmente filosófica: “o que é isto – o viver?”.

A partir das Cartas, Máximas e fragmentos de Epicuro preservados pela tradição doxográfica, inferimos que, para Epicuro, a propositura só tinha caráter filosófico se aliado a uma postura filosófica de vida, trata-se da responsabilidade da reflexão a fim de enfrentar o problema e demarcar um pensamento que esclareça sobre o mesmo. Assim fizera Epicuro na “reestruturação” de um novo modo de pensar sobre a vida feliz. Daí, o *éthos* filosófico configurar-se, no caso particular de Epicuro, como uma exortação ao filosofar.

Epicuro promove um jeito novo e original de conceber o pensar sobre o viver, idealizando uma perspectiva diferenciada sobre um prazer “sem sofrimento” (*aponía*) e “sem perturbação na alma” (*ataraxía*).

Desse modo, o filosofar em Epicuro reflete sobre o conceito *prazer*, enquanto resultado da tranquilidade da alma e equilíbrio do corpo, a fim de conceber a felicidade por meio de um filosofar que liberta o homem dos medos, da alienação que o priva da liberdade de si mesmo. Livre dos seus temores, o homem pode usufruir do verdadeiro prazer e viver uma vida boa e feliz.

Assim, o filosofar epicurista revela um modo de ser sábio frente aos prazeres. Para ele, em toda vida é preciso escolher somente o que convém a uma vida prazerosa e rejeitar o que conduz ao sofrimento e a dor.

A vida sábia, por seu turno, consiste em aprender a escolher e recusar sobre o prazer e a dor, com o fim de obter o grau mais elevado de prazer frente as dores. O critério para a escolha e a recusa não é uma descoberta de Epicuro, mas sim uma característica da cultura grega: a idéia de justa medida, harmonia, equilíbrio, nada em excesso.

Sobre o que temos notícias da obra de Epicuro é inegável que seu filosofar enveredou no sentido de tornar a vida humana em suas relações subjetivas, interpessoais e objetivas, mais humana e feliz.

Portanto, o fundador do jardim foi um filósofo do viver. Sábio, soube usufruir da autarquia intelectual. Cuidador de si, amigo, enveredou seu procedimento pelo filosofar a fim de saber dosar os prazeres para que, em paz e saudável, vivesse em harmonia com a natureza. Pois é na harmonia que a vida é bela, prudente, justa, prazerosa e feliz.

Em suma, o respectivo estudo destacou a perspectiva filosófica do viver em Epicuro, abordando a vida prazerosa e feliz, como forma de enfrentamento das vicissitudes e temores humanos.

O estudo e a análise da *Carta a Meneceu*, das máximas e dos aforismos legados pela tradição constituem a pedra de toque da compreensão do pensar epicurista e da sua perspectiva sobre o viver. Pois, na filosofia epicurista encontra-se referência aos principais anseios humanos, tais como: a busca pela “felicidade” (*eudaimonía*); a compreensão dos prazeres (*hedonai*); o combate ao “temor” (*phóbos*); a apreensão dos estados de “tranquilidade” (*ataraxía*) e de “falta de sofrimento” (*aponía*). Todavia, para alcançar esse estado de saúde e paz, o homem precisa filosofar acerca das coisas da vida e dos fenômenos do mundo. Com isso, faz-se necessário que seja uma filosofia que coordene a ação prática. Essa filosofia prática na perspectiva epicurista age como um *phármakon* que não pode ser administrado por outrem, é um remédio ou um veneno dependendo da quantidade. Por isso, só o indivíduo pode administrar para si este poderoso *phármakon*, a fim de extirpar os temores do corpo e da alma.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi, com a colaboração de Maurice Cunio. - São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. 26 - Paris: Hachette, 1963.
- BRAVO, Francisco. *As ambiguidades do prazer: ensaio sobre o prazer na filosofia de Platão*. Tradução Euclides Luiz Calloni. - São Paulo: Paulus, 2009. - (Col. Philosophica).
- BRUN, Jean. *O Epicurismo*. Tradução Rui Pacheco. - Lisboa, 70, 1987. (Col. Biblioteca Básica de Filosofia).
- CANTO-SPERBER, Monique. *Dicionário de ética e filosofia moral*. Tradução Ana Maria Ribeiro-Althoff, Magda França Lopes, Maria Vitória Kessler de Sá Brito, Paulo Neves. - São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- CORNFORD, M. F. *Principium sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*. Tradução de Maria Manauela Rocheta dos Santos. 3. - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- CARO, Lucrécio Tito. *Da natureza*. Tradução Agostinho da Silva. - Porto Alegre: Editora Globo, 1962.
- DUVERNOY, Jean-François. *O Epicurismo e sua tradição antiga*. Tradução Lucy Magalhães. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade (A Meneceu)*. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. - São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. *Antologia de textos*. Tradução: Agostinho da Silva. - São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores).
- Ética*. Aduino Novaes (org.) - São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- Filósofos da antiguidade II: do helenismo à antiguidade tardia*. Michael Erler e Andreas Graeser (Orgs.). Tradução Nélio Shneider. São Leopoldo: UNISINOS, 2005 (Coleção História da filosofia, v. 2).
- HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Tradução Dion Davi Macedo - São Paulo: Loyola, 1999 (Coleção Leituras Filosóficas).

LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução Mário da Gama Kury. - Brasília: Editora Um, 1988.

MARX, Karl. Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro. Tradução de Edson Bini e Armandina Venâncio. - São Paulo: Global, 1979.

MONDOLFO, Rodolfo. *O homem na cultura antiga: a compreensão do sujeito humano da cultura antiga*. Tradução Luiz Aparecido Caruso. - São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968.

MORAIS, João Quartim de. *Epicuro: as luzes da ética*. - São Paulo: Moderna, 1998.

Os filósofos pré-socráticos. (org.) Gerd A. Bornheim. 14 - São Paulo: Cultrix, 2000.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego. 7* – Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica: Cultura grega*. - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. Tradução Beatriz Rodrigues Barbosa. - Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PRÉ-SOCRÁTICOS. *Leucipo - Demócrito*. Tradutores José Cavalcante de Souza, Paulo F. Flor e Anna L. A. de A. Prado. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. Tradução Marcelo Perine. - São Paulo: Loyola, 1994 (Série história da filosofia, vol. III).

ROBIN, Leon. *El pensamiento griego y los Orígenes Del espíritu científico*. Traducción Jose Almoina. - México: UTEHA, 1956.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alberto Alonso Muñoz. - São Paulo: Scipione, 1994.

SÊNECA, Aneu Lúcio. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. - Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SILVA, Markus Figueira da. *Epicuro: sabedoria e jardim*. - Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal, RN: UFRN, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2003.

SPINELLI, Miguel. *Os caminhos de Epicuro*. São Paulo: Loyola, 2009 (Coleção Leituras Filosóficas).

TOYNBEE, J. Arnold. *Helenismo: história de uma civilização*. 4. Tradução Waltensir Dutra. 4. - Rio de Janeiro: ZAHAR, 1975. (Coleção Biblioteca de cultura histórica).

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. - Porto Alegre: EDIPECRS, 1996.

Site: <http://www.epicuro.org/operidiepicuro/sentenzevaticane.htm>, Manaus, 04/07/2010 as 23h